

A criança no mundo: Hoje e amanhã!

**Coordenação
Editorial**
Isabel Bica
Graça Aparício
Luís Condeço
Manuel Cordeiro
Ernestina Silva

agosto, 2023

© 2023

Direitos reservados para Escola Superior de
Saúde do Politécnico de Viseu

www.essv.ipv.pt

Título: A criança no mundo: Hoje e amanhã!

Editor

Instituto Politécnico de Viseu
Escola Superior de Saúde

Coordenação e Comissão Editorial

Isabel Bica
Graça Aparício
Luís Condeço
Manuel Cordeiro
Ernestina Silva

Design e Paginação

© Cristina Lima e Nuno Mendes

ISBN: 978-989-35117-0-1



A criança no mundo: Hoje e amanhã!

**Coordenação
Editorial**
Isabel Bica
Graça Aparício
Luís Condeço
Manuel Cordeiro
Ernestina Silva



INTERNATIONAL CONGRESS
The Child in the World Today and Tomorrow!

31 maio
workshops

01 junho
2023
GMT +1

Em processo de acreditação pela OE

09h00 Sessão de abertura

José Costa • Presidente do Instituto Politécnico de Viseu
Daniel Silva • Presidente da Escola Superior de Saúde de Viseu
Cláudia Chaves • Presidente do Conselho Técnico Científico
Graça Aparício • Presidente do Conselho Pedagógico

09h30 Mesa 1

Os Problemas do Mundo atual:
Questões relevantes para a Saúde da Criança

Moderadores: *Graça Aparício & Sofia Meireles*

Crise Climática e Saúde Mental Infantil:
Que relação?

Pedro Oliveira • Psicólogo e membro Ecopsi – Psicologia e Clima

Conflito armado: Stress Pós-Traumático em Crianças

Tetiana Kriuchko • Doctor of Medical Sciences, Poltava State Medical University, Poltava, Ukraine

Yuliia Lysanets • PhD, Poltava State Medical University, Poltava, Ukraine

Adaptação das Crianças/Jovens acolhidas em Portugal

Testemunho de uma família Ucrainiana
Rostislav Perekhrest

11h00 Intervalo para café

11h30 Mesa 2

Investigação e Ensino em Enfermagem de Saúde Infantil e Pediátrica

Moderadores: *Isabel Bica & Ana Cristina Campos*

Ensino e Formação Pós-graduada em ESIP

Margarida Reis Santos • PhD, Escola Superior de Enfermagem do Porto
Investigação na prática

Francisco Mendes • MSc, Centro Hospitalar Universitário de S. João, Porto
A Tecnologia aplicada ao Ensino de Enfermagem

Fernanda Jorge Magalhães • PhD, UNIFOR, Brasil

Momento Musical

13h00 Pausa para almoço

14h30 Comunicações livres e Posters

15h30 Mesa 3

Nascer e Crescer na era da Tecnologia: O cérebro (In)Feliz

Moderadores: *Manuel Cordeiro & Bruna Pinto*

Manuela Grazina • PhD, Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, Laboratório de Bioquímica Genética

17h00 Sessão de encerramento

Moderadores: *Luís Condeço & Carolina Correia*

Ernestina Silva • PhD, Escola Superior de Saúde de Viseu

Momento Musical

Daniel Simões • Estudante da Escola Superior de Saúde de Viseu
Viriatuna

Comissão Organizadora:
Docentes,
Colaboradores em
Ensino Clínico e
disciplinas do 8º, CMESIP
e 12º CPLEESIP da Escola
Superior de Saúde de
Viseu.

Comissão Científica:
Docentes da ESSV e
peritos convidados

Idoneidade científica conferida pelo Conselho Técnico Científico da Escola Superior de Saúde de Viseu

designed by Cristina Lima, Nuno Mendes

Conferencistas

Pedro Oliveira | Psicólogo Clínico, membro e terapeuta da ECOPsi

Tetiana Kriuchko | Doctor of Medical Sciences | Poltava State Medical University, Poltava, Ukrain

Yuliia Lysanet | PhD | Poltava State Medical University, Poltava, Ukrain

Margarida Reis Santos | PhD | Escola Superior de Enfermagem do Porto

Francisco Mendes | Enfermeiro-Gestor | Centro Hospitalar Universitário de S. João, Porto

Fernanda Jorge Magalhães | PhD | UNIFOR, Brasil

Manuela Grazina | PhD | Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, Laboratório de Bioquímica Genética

Comissão Científica

Amadeu Gonçalves | Escola Superior de Saúde de Viseu, PV, Portugal

Ana Andrade | Escola Superior de Saúde de Viseu, PV, Portugal

António Madureira Dias | Escola Superior de Saúde de Viseu, PV, Portugal

Carla Cruz | Escola Superior de Saúde de Viseu, PV, Portugal

Carlos Albuquerque | Escola Superior de Saúde de Viseu, ESSV Portugal

Cláudia Chaves | Escola Superior de Saúde de Viseu, PV, Portugal

Daniel Silva | Escola Superior de Saúde de Viseu, PV, Portugal

Emília Coutinho | Escola Superior de Saúde de Viseu, PV, Portugal

Ernestina Silva | Escola Superior de Saúde de Viseu, PV, Portugal

Fernanda Jorge Magalhães | UNIFOR, Brasil

Goreti Mendes | Universidade do Minho, Portugal

Henriqueta Fernandes | Escola Superior de Enfermagem do Porto, Portugal

Isabel Verdelho Andrade | Escola Superior de Saúde de Viseu, PV e Centro Hospitalar Tondela Viseu, EPE, Portugal

José Costa | Escola Superior de Saúde de Viseu, PV, Portugal

José Vilelas | Membro da Mesa do Colégio de Saúde Infantil e Pediátrica da Ordem dos Enfermeiros, Portugal

Karla Rolim | UNIFOR, Brasil

Luís Condeço | Escola Superior de Saúde de Viseu, PV, Portugal

Madalena Cunha | Escola Superior de Saúde de Viseu, PV, Portugal

Manuel Cordeiro | Escola Superior de Saúde de Viseu, PV, Portugal

Manuela Ferreira | Escola Superior de Saúde de Viseu, PV, Portugal

Manuela Grazina | Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, Portugal

Margarida Reis Santos | Escola Superior de Enfermagem do Porto, Portugal

Maria da Graça Aparício | Escola Superior de Saúde de Viseu, PV, Portugal

Maria Isabel Bica | Escola Superior de Saúde de Viseu, PV, Portugal

Maria Odete Amaral | Escola Superior de Saúde de Viseu, PV, Portugal

Olivério Ribeiro | Escola Superior de Saúde de Viseu, PV, Portugal

Paula Nelas | Escola Superior de Saúde de Viseu, PV, Portugal

Regina Ferreira | Escola Superior de Saúde Santarém, IPSantarém, Portugal

Sofia Campos Pires | Escola Superior de Saúde de Viseu, PV, Portugal

Susana Batista | Escola Superior de Saúde de Viseu, PV, Portugal

Yuliia Lysanets | Poltava State Medical University, Ucrânia

Comissão Organizadora

Docentes, Colaboradores em Ensino Clínico e Discentes dos 8.º Curso de Mestrado em Enfermagem de Saúde Infantil e Pediatria e 12.º Curso de Pós-Licenciatura de Especialização em Enfermagem de Saúde Infantil e Pediátrica da Escola Superior de Saúde de Viseu



SUMÁRIO

01

PRELETORES

- 12 CRISE CLIMÁTICA E SAÚDE MENTAL INFANTIL: QUE RELAÇÃO?
- 13 ARMED CONFLICT: POST-TRAUMATIC STRESS DISORDER IN CHILDREN
- 14 INVESTIGAÇÃO NA PRÁTICA
- 15 TECNOLOGIA E INOVAÇÃO PARA O ENSINO: UM OLHAR JUNTO AO RECÉM-NASCIDO E À CRIANÇA
- 16 FORMAÇÃO PÓS-GRADUADA EM ENFERMAGEM DE SAÚDE INFANTIL E PEDIÁTRICA

02

COMUNICAÇÕES ORAIS

- 20 INCLUSÃO NA ESCOLA DE CRIANÇA COM HEMOFILIA: RELATO DE CASO
- 21 FORÇAS E PROCESSOS DE RESILIÊNCIA EM FAMÍLIAS COM FILHOS ADOLESCENTES: UM CONTRIBUTO DO ENFERMEIRO ESPECIALISTA
- 22 ESTRATÉGIAS NÃO FARMACOLÓGICAS NA ABORDAGEM DA DOR NA CRIANÇA: REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA
- 23 PERSPETIVAS DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE NA ÁREA DA DIVERSIFICAÇÃO ALIMENTAR VEGETARIANA NO LATENTE: UMA SCOPING REVIEW
- 24 MEDOS DAS CRIANÇAS EM AMBIENTE HOSPITALAR
- 26 PERCEÇÃO DA QUALIDADE DE VIDA DE ADOLESCENTES DO 6º ANO DE ESCOLARIDADE
- 27 CARACTERIZAÇÃO DO PERFIL CLÍNICO DE CRIANÇAS ESCOLARES EM USO DE ANTIBIOTICOTERAPIA DOMICILIAR
- 28 SINALIZAÇÃO PARA A INTERVENÇÃO PRECOCE NA INFÂNCIA
- 29 EDUCAÇÃO SEXUAL NUMA ESCOLA EM MEIO RURAL: UM PROJETO DE INTERVENÇÃO
- 30 DESENVOLVIMENTO DA COMUNICAÇÃO EM CRIANÇAS MENORES DE 5 ANOS DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19
- 31 OBESIDADE INFANTIL: UM PROBLEMA QUE HABITA EM CASA?
- 32 DIFICULDADES SENTIDAS NO EXERCÍCIO DA PARENTALIDADE POSITIVA: PAIS/MÃES COM FILHOS DOS 0-3 ANOS DE IDADE
- 33 O DIGITAL COMO FERRAMENTA DA PRÁTICA DA ENFERMAGEM PEDIÁTRICA: UM PROJETO DE MELHORIA CONTÍNUA
- 34 ESCALA DE AVALIAÇÃO DE POSICIONAMENTO PARA A MELHORIA DA QUALIDADE DE CUIDADOS NAS UNIDADES DE CUIDADOS INTENSIVOS NEONATAIS: UMA SCOPING REVIEW
- 36 EFICÁCIA DA SACAROSE VERSUS ALEITAMENTO MATERNO NO ALÍVIO DA DOR NOS PROCEDIMENTOS INVASIVOS EM RECÉM-NASCIDOS

03

COMUNICAÇÕES EM PÓSTER

- 40 CONSULTA DE ENFERMAGEM A CRIANÇAS E JOVENS COM NECESSIDADES DE SAÚDE ESPECIAIS: RELATO DE EXPERIÊNCIA
- 41 INTERVENÇÃO DA EQUIPA DE SAÚDE ESCOLAR EM CRIANÇAS E JOVENS COM NECESSIDADES DE SAÚDE ESPECIAIS
- 42 CRIANÇAS E JOVENS COM NECESSIDADES DE SAÚDE ESPECIAIS: A REALIDADE DE UM AGRUPAMENTO DE ESCOLAS
- 43 A IMPORTÂNCIA DAS SIMULAÇÕES PEDIÁTRICAS EM CONTEXTO DE EMERGÊNCIA
- 44 MOCHILA AMIGA? - UM PROJETO DE EDUCAÇÃO PARA A SAÚDE EM MEIO ESCOLAR
- 45 O ADOLESCENTE NA URGÊNCIA PEDIÁTRICA PRÉ E PÓS PANDEMIA - O ADOLESCENTE ESTÁ MAIS DOENTE?
- 46 PREVALÊNCIA DA OBESIDADE INFANTIL
- 47 PRIMEIROS SOCORROS EM PEDIATRIA: CAPACITAÇÃO DA COMUNIDADE ESCOLAR
- 48 VIVÊNCIAS DE UMA MÃE DE UM NEONATO COM SÍNDROME DE PIERRE ROBIN
- 49 PREVENÇÃO DE QUEDAS
- 50 ALEITAMENTO MATERNO ATÉ AO 3º ANO DE VIDA
- 51 ESTRATÉGIAS DE PROMOÇÃO DE SAÚDE MENTAL EM ADOLESCENTES
- 52 RECOMENDAÇÕES SOBRE ALIMENTAÇÃO VEGETARIANA EM IDADE PEDIÁTRICA
- 53 PREVENÇÃO DE INFEÇÕES RESPIRATÓRIAS EM IDADE PEDIÁTRICA - SERÃO OS PROBIÓTICOS UMA OPÇÃO?
- 54 CENTRO DE SAÚDE DOS VIRIATINHOS: É A BRINCAR QUE SE PERDE OS MEDOS!

AUTORES

A

Adelina Gonçalves, 24
Ana Arantes, 26
Ana Cristina Valente, 32
Ana Margarida Tojal, 33
Ana Maria Jorge, 21, 24
Ana Marques, 31
Ana Morais, 53
Ana Padrão, 53
Andreia Santos, 26

B

Beatriz Figueiredo, 45
Beatriz Rodrigues, 53
Brena Shellem Bessa de Oliveira, 30
Bruna Silva, 20
Bruno Martins, 49

C

Carla Fonseca, 45
Carla Rocha, 20
Carla Sanches, 21
Carla Silva, 43
Carlos Alves, 40, 41
Carolina Correia, 22, 36, 40, 41
Carolina Rodrigues, 29, 31, 54
Celeste Godinho, 23
Cláudia Esteves, 50
Cláudia Gama, 49
Cláudia Viana, 28, 46
Cristina Coutinho, 40, 41, 42, 44
Cristina Rocha, 45
Cristina Seixas, 50

D

Dalila Rodrigues, 42, 44
Deolinda Cunha, 29, 31, 54
Diana Albuquerque, 48
Diana Neves Correia, 54

E

Emília Coutinho, 36
Emília Dias, 20
Ernestina Silva, 51

F

Fátima Mansinho, 49
Fernanda Jorge Magalhães, 15
Fernando Albuquerque, 29, 31
Filipe Fernandes, 29, 31, 54
Francisca Elisângela Teixeira Lima, 27, 30
Francisco Mendes, 14

G

Glaubervania Alves Lima, 27, 30
Graça Aparício, 22, 34, 47, 51, 52

I

Isabel Bica, 32, 50, 51
Isabel Matos, 20

J

Joana Costa, 26
Joana Miranda, 23
Joana Tavares, 22, 36
João Silva, 26
Jóni Madureira, 20, 40, 41

L

Lara Gomes, 49
Leandro Costa, 52
Lénia Camelo, 51
Liliana Borges, 23
Luís Condeço, 52
Luís Graça, 26
Luís Miguel Condeço, 33
Luís Torres, 26

M

Madalena Figueiredo, 50
Manuela Gonçalves, 28
Manuel Cordeiro, 49, 52
Manuel Salvador, 52
Mara Almeida, 52
Márcia Azevedo, 54
Márcia Costa, 53
Margarida Reis Santos, 16
Maria Cerqueira, 26

Maria Gabriela Miranda Fontenele, 27
Mariana Castro, 52
Mariana da Silva Diógenes, 27, 30
Mariana Peçanha, 52
Maria Patrocínio Martins, 33, 52
Maria Williany Silva Ventura, 27, 30
Micaela Pinto, 33

P

Patrick Gonçalves, 34
Paula Ferreira, 45
Paulo Camelo, 51
Paulo Cesar de Almeida, 30
Pedro Oliveira, 12

R

Rita Luís Nunes, 29
Rosa Gonçalo, 47
Rui Monteiro, 49

S

Sara Emilly Lima Sombra, 27
Sérgio Vieira, 43
Sofia Meireles, 22, 36
Sónia Almeida, 49
Sónia Batista, 53

T

Teresa Pinto, 33
Teresa Pipa, 29, 31, 54
Tetiana Kriuchko, 13

V

Vanessa Monteiro, 20, 40, 41
Vera Sousa, 45

Y

Yuliia Lysanet, 13





01

PRELETORES



CRISE CLIMÁTICA E SAÚDE MENTAL INFANTIL: QUE RELAÇÃO?

Oliveira, P. (agosto, 2023).

Crise climática e saúde mental infantil: Que relação?.

In Congresso Internacional: A Criança no Mundo! Hoje e Amanhã (pp. 12-12).

Viseu, Portugal: Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Saúde.

Pedro Oliveira

PhD, Psicólogo Clínico/Ecopsi - Psicologia e clima

Desde 2008, uma média de 22, 5 milhões de pessoas, crianças inclusive, mudaram de sítio devido a eventos climáticos extremos.

Em termos da saúde mental de crianças e adultos, efeitos cumulativos de longa duração têm um maior impacto na saúde mental que eventos únicos/curta duração. Por exemplo o stress cumulativo e continuado do aumento do nível médio do mar é muito mais impactante que um evento único, podendo conduzir a ideação e comportamento suicida, o que um evento único não faz...

A Eco-Ansiedade, segundo o Royal College of Psychiatrists é uma forma de descrever as reações emocionais a más notícias sobre o planeta e o ambiente. É também designada como “medo crónico de catástrofe ambiental”. Pode versar sobre tópicos como o aumento de temperaturas ao nível mundial, inundações, fogos ou seca, maus tratos a animais e seus ambientes naturais e outros problemas como a Covid-19 (Glen Albretch/APA). Esta angústia atinge mais crianças e adolescentes, contudo importa dizer que ecoansiedade “não é uma patologia, não é uma doença mental”.

É considerada uma reação normal face à severidade da crise e face à informação científica atual. É muitas vezes vivida em silêncio face a um mundo que não quer abrir espaço para pensar e/ou sentir a crise climática, pois continuamos a viver como se nada estivesse a acontecer. Assim, dentro da ecopsicologia, diz-se que vivemos uma espécie de negação coletiva”.

Dados de um inquérito feito a 10 000 crianças e jovens (16-25 anos) em dez países (Austrália, Brasil, Finlândia, França, Índia, Nigéria, Filipinas, Portugal, Inglaterra e Estados Unidos), revelou que 59% dos entrevistados estão muito preocupados ou extremamente preocupados e 84% estão moderadamente preocupados. 75% diz que consideram o futuro extremamente preocupante; ao nível do hemisfério Norte, onde Portugal apresentou o maior nível de preocupação. Sobre os governos, reportam sentirem-se traídos (noção de dano moral).

Os dados revelam ainda que 48% das crianças são silenciados quando tentam falar sobre este assunto. A isto chama-se Silenciamento Social sobre o dano moral sentido por crianças e jovens (Caroline Hickman et al, 2021). Contudo persiste a ideia de que o silêncio não é impositivo, apenas a FALA é impositiva.

A ecoansiedade, de fato, está relacionada com o grau de consciência e nível de informação sobre a crise climática.

O tratamento para este tipo de transtorno não deve ser o mesmo da ansiedade tradicional. É muito importante ensinar a criança sobre colaboração e ‘parcerias’, envolve-la na solução. É converter a ansiedade em ação...

Alguns exemplos de como abordar as mudanças climática com as crianças:

- Começar por explorar uma espécie que pode estar em extinção (e se é possível fazer alguma coisa para ajudar);
- Incluir a criança na procura de respostas; “eu não tenho todas as respostas”;
- Falar sobre o assunto de forma regular;
- Alternar notícias climática ‘positivas’ com notícias menos positivas;
- Pensar em condutas de redução carbónica a nível individual e familiar (usar menos plástico, etc.);
- O que não dizer: vou deixar isto para a vossa geração resolver; vocês são muito criativos etc.
- Conectar com outros pais que partilhem as mesmas preocupações;
- Passar tempo na natureza; envolver em atividades de reflorestação ou outras (plantar uma árvore, etc.)

Apesar de tudo, necessitamos de mais pesquisa sobre eco-ansiedade na criança.

ARMED CONFLICT: POST-TRAUMATIC STRESS DISORDER IN CHILDREN

Kriuchko, T. O., & Lysanets, Yu. V. (agosto, 2023).

Armed conflict: Post-traumatic stress disorder in children.

In Congresso Internacional: A Criança no Mundo! Hoje e Amanhã (pp. 13-13).

Viseu, Portugal: Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Saúde.

Tetiana Kriuchko¹
Yuliia Lysanet¹

¹Poltava State Medical University, Ukraine

According to the prognosis of WHO experts, by 2025, the first place among non-communicable diseases will belong to neuropsychiatric disorders. Epidemiological studies demonstrate that these disorders are growing by 18-20% every 10 years. The peak of post-traumatic stress disorder (PTSD) is observed before the age of 25. Therefore, children and adolescents are at risk and makeup 10 to 20% of those who experience stress. The relevance of this problem for the children of Ukraine has increased tremendously with the beginning of the large-scale invasion of Russia.

Under conditions of prolonged stress, endocrine, hormonal, and vegetative balances are disturbed, and low adaptive capacity causes the development of negative psychological and somatic effects of stress. One of the manifestations of the stress reaction is a disrupted implementation of the function of sleep in a child, which is a key part of a healthy lifestyle. Indeed, protein synthesis, production of melatonin, growth hormone, and leptin, processing information and its entering into memory, restoration of organs and systems for normal life activity – all these processes take place during sleep. The fact that sleep is circadian by nature is fundamentally important for the production of biologically active compounds in the cells of the pineal gland. Melatonin and leptin are synthesized at night, whereas serotonin – the day. Sleep disturbance is accompanied by a decrease in the child's daytime activity, characterized by severe fatigue, and apathy, which can be defined as depression. There is a relationship between sleep disturbance and attention deficit disorder in a child.

All of the above demonstrates the need for additional psychological and medicinal therapy to correct PTSD symptoms and prevent the further formation of stress-inducing diseases in pediatric patients.

Keywords: PTSD; Children; Circadian rhythm; Medicinal therapy

Francisco Mendes

Centro Hospitalar de S. João, Porto

DAS COMPETÊNCIAS

Um olhar inicial atento ao enquadramento profissional. A Competência D2 começa por assinalar nesta matéria, o âmbito da intervenção do Enfermeiro: “Baseia a sua praxis clínica especializada em sólidos e válidos padrões de conhecimento”. A clarificação necessária:

D2.2- Suporta a prática clínica em evidência científica; D2.2.3- Investiga e colabora em estudos de investigação; D2.2.6 - Contribui para o conhecimento novo e para o desenvolvimento da prática clínica especializada.

Contexto clínico pediátrico atual:

- “...mudança epidemiológica iniciada nas últimas décadas
- aumento da sobrevivência de recém-nascidos e crianças com necessidades de saúde complexas e condições que anteriormente eram rapidamente fatais
- necessidade de cuidados paliativos pediátricos.”

A resposta a este paradigma forçosamente passará pela investigação na prática.

DA IMPLEMENTAÇÃO...

É importante fornecer às equipas de Enfermagem um caminho, uma visão. Definimos a Missão - “construir” Enfermeiras(os) de referência; clarificamos a Visão- equipa comprometida com o seu desenvolvimento profissional: propomos Estratégia(s)- construir oportunidades para a construção e desenvolvimento de competências; investigar em contexto de prática clínica (aproximar a clínica da academia).

Como proposta para este caminho, a utilização do modelo The Knowledge-to-Action para implementar uma enfermagem baseada na evidência nos cuidados prestados à criança e família.

Resultados: grupos de trabalho organizados em torno de áreas sensíveis aos cuidados de enfermagem em contexto pediátrico, selecionadas pela equipa, com apoio de peritos da academia; participação em diversos eventos de divulgação científica; jornal club mensal; publicação de artigos; organização anual de Reunião Científica Internacional de Enfermagem Pediátrica; realização de trabalhos de investigação em contexto de prática clínica aprovados pela Comissão de ética e Conselho de Administração.

Sustentabilidade do processo

Enfermeiro gestor: “d) Garantir uma prática de enfermagem na unidade ou serviço baseada em normas de boas práticas e na melhor evidência disponível”

Enfermeiro e enfermeiro especialista: competências comuns e específicas, valorização curricular, integração na avaliação de desempenho.

DA LIDERANÇA

A mais perniciosa das meias-verdades acerca da liderança é que é apenas uma questão de carisma e de visão – ou se tem, ou não se tem. A realidade é que as capacidades de liderança não são inatas. Podem ser adquiridas e aperfeiçoadas. Mas antes, é preciso ter em conta como se distingue as capacidades de gestão.

A gestão envolve o planeamento e a orçamentação. A liderança o estabelecimento da direção.

A gestão envolve a organização e o pessoal. A liderança envolve o alinhamento das pessoas.

A gestão fornece controlo e resolve problemas. A liderança fornece a motivação.

Bibliografia

Lacerda A.F., Oliveira G., Cancelinha C., Lopes S. (2019). Hospital Inpatient Use in Mainland Portugal by Children with Complex Chronic Conditions (2011 – 2015). *Acta Med Port*, Jul-Aug, 32(7–8), p. 488–498. <https://doi.org/10.20344/amp.10437>

Decreto-lei 71/2019 da Presidência do Conselho de Ministros (2019). *Diário da República*, série I, N.º 101, de 27 de maio de 2019, Artigo 10º B. <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/decreto-lei/71-2019-122403266>

Kotter J.P. (2016). O que os líderes realmente fazem. In *Harvard Business Review* (eds). *Liderança 10 Artigos Essenciais*. Actual Editora

Ordem do Enfermeiros (2019). Regulamento n.º 140/2019, Competências Comuns do Enfermeiro Especialista (Ordem dos Enfermeiros)

Torres, C.P.M.B. (2023). Utilização do Modelo The Knowledge-To-Action para Implementar uma Enfermagem Baseada na Evidência nos Cuidados Prestados à Criança e Família (Tese de Doutoramento). Universidade do Porto Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar.

TECNOLOGIA E INOVAÇÃO PARA O ENSINO: UM OLHAR JUNTO AO RECÉM-NASCIDO E À CRIANÇA

Magalhães, F. J. (agosto, 2023).

Tecnologia e inovação para o ensino: Um olhar junto ao recém-nascido e à criança.

In Congresso Internacional: A Criança no Mundo! Hoje e Amanhã (pp. 15-15).

Viseu, Portugal: Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Saúde.

Fernanda Jorge Magalhães

PhD, UNIFOR, Brasil

O objetivo da palestra foi apresentar algumas tecnologias e inovações direcionadas ao cuidado e ao ensino no âmbito da neonatologia e da pediatria em Enfermagem. Torna-se relevante e justifica-se a discussão acerca da temática, haja vista estarmos em um mundo globalizado, envolto de tecnologias, com interação entre diversos aspectos socioculturais e em busca de conectividade e integralidade do cuidar. Ademais torna-se necessário incluir o ensino, a capacitação e os treinamentos como temática para uma abordagem interdisciplinar de modo a proporcionar à equipe de saúde, especialmente, de Enfermagem e à família da criança um ambiente acolhedor, com escuta qualificada e resolutivo contribuindo para que se tornem agentes participativos como participantes do cuidar de forma holística com o olhar para o indivíduo, em família e em comunidade. O intuito é motivar, sensibilizar e incentivar à comunidade científica e acadêmica a utilizar-se de estratégias inovadoras e tecnologias em saúde, válidas, confiáveis e seguras direcionadas à melhoria da qualidade de vida e à promoção da saúde de crianças.

Keywords: Tecnologia em saúde; Neonatologia; Pediatria; Enfermagem

FORMAÇÃO PÓS-GRADUADA EM ENFERMAGEM DE SAÚDE INFANTIL E PEDIÁTRICA

Santos, M. R. (agosto, 2023).

Formação Pós-graduada em Enfermagem de Saúde Infantil e Pediátrica.

In Congresso Internacional: A Criança no Mundo! Hoje e Amanhã (pp. 16-16).

Viseu, Portugal: Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Saúde.

Margarida Reis Santos

Escola Superior de Enfermagem do Porto

A formação em Enfermagem é imprescindível para a prestação de cuidados de qualidade, desenvolvimento de competências profissionais, autonomia do enfermeiro, nomeadamente no planeamento, implementação e avaliação de intervenções de enfermagem, e reconhecimento e afirmação da profissão e da enfermagem como disciplina do conhecimento. A formação especializada em Enfermagem de Saúde Infantil e Pediátrica (ESIP) é relevante considerando, entre outros, que: i) o cliente alvo dos cuidados do enfermeiro é a criança/adolescente e a família; ii) a idade pediátrica abrange crianças, desde o nascimento, até adolescentes aos dezoito anos, podendo em casos especiais, como a doença crónica, incapacidade ou deficiência, ir até aos 21 ou 25 anos, permitindo que a transição apropriada para a vida adulta esteja conseguida com sucesso, abarcando, portanto, marcos essenciais ao nível do crescimento e desenvolvimento; iii) engloba cuidar da criança/adolescente saudável ou doente com situações de saúde diversas e por vezes complexas, abrangendo todas as especialidades médicas e cirúrgicas; iv) a complexidade dos cuidados pediátricos tem aumentado; v) os Cuidados de Enfermagem à criança/adolescente devem ser baseados na evidência e atraumáticos; vi) é necessário prestar cuidados não exclusivamente centrados na família, mas também, centrados nas crianças/adolescentes, considerando-os agentes ativos nos cuidados de saúde, fomentando a sua participação no processo de cuidar; vii) a reduzida carga horária nos Cursos de Licenciatura em Enfermagem para a abordagem da enfermagem pediátrica.

O Mestrado em Enfermagem de Saúde Infantil e Pediátrica (MESIP) habilita o enfermeiro com o título de Especialista em Enfermagem de Saúde Infantil e Pediátrica e permite-lhe desenvolver e aprofundar competências que se enquadram no âmbito do Regulamento das Competências Comuns do Enfermeiro Especialista, centradas nos domínios da “Responsabilidade profissional, ética e legal”; da “Melhoria contínua da qualidade”; da “Gestão dos cuidados” e do “Desenvolvimento das aprendizagens profissionais” (Ordem dos Enfermeiros [OE], 2019) e Competências Específicas do Enfermeiro Especialista em Enfermagem de Saúde Infantil e Pediátrica, nomeadamente, “Assiste a criança/jovem com a família, na maximização da sua saúde”; “Cuida da criança/jovem e família nas situações de especial complexidade”; “Presta cuidados específicos em resposta às necessidades do ciclo de vida e de desenvolvimento da criança e do jovem” (OE, 2018).

As unidades curriculares do MESIP são lecionadas, maioritariamente, por professores detentores da especialidade em ESIP e, obrigatoriamente, nos diversos contextos onde decorrem os estágios os estudantes são acompanhados/orientados por enfermeiros especialistas em ESIP. Na formação em Enfermagem de Saúde Infantil e Pediátrica o enfermeiro desenvolve competências de investigação na área da saúde infantil e pediátrica que lhe permitem participar e liderar estudos de investigação e que se constituem como uma mais-valia para a prossecução dos seus estudos ao nível do Doutoramento em Enfermagem.

O Enfermeiro Especialista em Enfermagem de Saúde Infantil e Pediátrica faz a diferença no cuidar da criança/adolescente e a família providenciando cuidados promotores da majoração dos ganhos em saúde.

Bibliografia

Ordem dos Enfermeiros (2018). Regulamento n.º 422/2018 — Regulamento das Competências Específicas do Enfermeiro Especialista em Enfermagem de Saúde Infantil e Pediátrica. Diário da República, 2.ª série — N.º 133, p. 19192-94.

Ordem dos Enfermeiros (2019). Regulamento n.º 140/2019 — Regulamento das Competências Comuns do Enfermeiro Especialista. Diário da República, 2.ª série — N.º 26, p. 4744-50.





102

COMUNICAÇÕES
ORAIS



INCLUSÃO NA ESCOLA DE CRIANÇA COM HEMOFILIA: RELATO DE CASO

Monteiro, V., Madureira, J., Silva, B., Dias, E., Matos, I., & Rocha, C. (agosto, 2023). Inclusão na escola de criança com hemofilia: relato de caso. In Congresso Internacional: A Criança no Mundo! Hoje e Amanhã (pp. 20-20). Viseu, Portugal: Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Saúde.

Vanessa Monteiro¹
Jóni Madureira¹
Bruna Silva²
Emília Dias²
Isabel Matos³
Carla Rocha³

¹AcES Douro I-Marão e Douro Norte, Unidade de Cuidados na Comunidade Vila Real I; Centro Académico Clínico de Trás-os-Montes e Alto Douro

²Escola Superior de Saúde- UTAD

³Centro Hospitalar Universitário São João, Centro de Referência de Coagulopatias Congénitas do Hospital de São João

Introdução: A coagulopatia hereditária, Hemofilia A Grave, é uma doença rara. O envolvimento da família, escola e profissionais de saúde, é fundamental, promovendo a integração de cuidados com enfoque na centralidade da criança e família, com vista à inclusão escolar, através da capacitação da comunidade educativa. **Objetivo:** Elaborar uma proposta de Plano de Saúde Individual no âmbito da gestão da Hemofilia em meio escolar.

Métodos: Relato de caso, de acordo com as diretrizes CAse REport (Riley et al., 2017). Para a recolha de dados recorreu-se à entrevista semi-estruturada com a Encarregada de Educação, Profissionais da Educação, Equipa de Saúde Familiar e Enfermeiras do Centro de referência de Coagulopatias Congénitas do Hospital que acompanham a criança, bem como a análise documental, para co-criar o Plano de Saúde Individual.

Resultados: Criança do sexo masculino, 6 anos, com Coagulopatia Hereditária, Hemofilia A Grave. Na avaliação inicial identificaram-se precauções nas atividades educativas de desporto e de lazer; necessidade de supervisão; vigilância de potenciais sangramentos; identificação de sinais de hemorragia; técnicas de primeiros socorros e reconhecimento de sinais/ sintomas de alerta que motivam o encaminhamento para o Hospital ou Centro de Referência de Hemofilia. Foi proposto um Plano de Saúde Individual para a criança e realizada a capacitação dos profissionais da Educação.

Conclusões: As Equipas de Saúde Escolar assumem-se como facilitadoras de uma abordagem colaborativa interprofissional e intersectorial, na capacitação dos profissionais da Educação e na promoção da integração de cuidados das crianças com Hemofilia. A proposta de um Plano de Saúde Individual é fundamental na escola.

Palavras Chave: Promoção da Saúde Escolar; Hemofilia A; Inclusão Escolar; Relato de caso

Keywords: School Health Promotion; Hemophilia A; Mainstreaming, Education; case report

Bibliografia

Riley, D. S., Barber, M. S., Kienle, G. S., Aronson, J. K., von Schoen-Angerer, T., Tugwell, P., ... & Gagnier, J. J. (2017). CARE guidelines for case reports: explanation and elaboration document. *Journal of clinical epidemiology*, 89, 218-235.

FORÇAS E PROCESSOS DE RESILIÊNCIA EM FAMÍLIAS COM FILHOS ADOLESCENTES: UM CONTRIBUTO DO ENFERMEIRO ESPECIALISTA

Sanches, C., & Jorge, A. M. (agosto, 2023).

Forças e processos de resiliência em famílias com filhos adolescentes: Um contributo do enfermeiro especialista.

In Congresso Internacional: A Criança no Mundo! Hoje e Amanhã (pp. 21-21).

Viseu, Portugal: Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Saúde.

Carla Sanches¹

Ana Maria Jorge¹

¹IPG (Escola Superior de Saúde da Guarda)

A adolescência traz consigo novos desafios, com repercussões no quotidiano das famílias, que vêm alterar as suas dinâmicas familiares e levam a constantes desafios e consequentes ajustes nas relações inter-familiares.

O objetivo deste estudo é analisar as características dos pais e dos adolescentes que estão relacionadas com as forças e processos de resiliência das famílias com filhos adolescentes.

Trata-se de um estudo quantitativo, descritivo e correlacional cuja recolha de dados foi realizada online através da aplicação de um questionário sociodemográfico, do questionário de Forças Familiares (Melo & Alarcão, 2011) e da Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade (COMPA-P) (Portugal & Alberto, 2014). A amostra é constituída por pais com filhos adolescentes entre os 14 e os 17 anos.

Verificou-se que as variáveis sociodemográficas familiares não se encontravam associadas aos processos de resiliência familiar. Em relação à comunicação parental, constatou-se uma relação positiva e significativa entre as suas dimensões e as dimensões do questionário de Forças Familiares. Quanto às características do adolescente, concluiu-se que o estado de saúde do adolescente estava positivamente associado aos processos de resiliência familiar. O modelo de regressão realizado demonstra que o estado de saúde do adolescente, assim como as dimensões da metacomunicação e confiança/partilha de progenitores para com os filhos, constituem fatores explicativos das forças e processos de resiliência familiar.

Se os enfermeiros conhecerem as forças e os processos de resiliência das famílias, conseguirão mais facilmente desenvolver respostas adaptadas e adequadas a cada família no sentido de promover a resiliência familiar.

Palavras Chave: Enfermeiro Especialista; Adolescência; Família; Comunicação na parentalidade; Resiliência Familiar

Keywords: Specialist Nurse; Adolescence; Family; Communication in parenting; Family resilience

Bibliografia

- Anaut, M. (2005). A Resiliência: ultrapassar os traumatismos. Climepsi Editores.
- Dias, C. R. (2017). A família na formação da identidade na adolescência. Chiado.
- Grotberg, E. (1995) The International Resilience Project: Research and Application. ERIC, 88, 2-13. <https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED423955.pdf>
- McGoldrick, M., & Carter, B. (2001). As mudanças no ciclo vital da família: uma estrutura para a terapia familiar (2ª ed.). Artmed.
- McCubbin, M. A., & McCubbin, H. I. (1993) Perspectives on coping and intervention. In Danielson, C. B., Hamel-Bissell, B. & Winstead-Fry, P, Families, health & illness (pp. 21-63). Mosby
- Melo, A. T. & Alarcão, M. (2011). Avaliação de processos de resiliência familiar: Validade e fidelidade do Questionário de Forças Familiares. Mosaico, 48, 34-41. <https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/36414>
- Ordem dos Enfermeiros (2018). Regulamento de Competências Específicas do Enfermeiro Especialista em Enfermagem de Saúde Infantil e Pediátrica. Ordem dos Enfermeiros. <https://www.ordemenfermeiros.pt/media/8733/infantil.pdf>
- Parsons, M., Glavac, S., Hastings, P., Marshall, G., McGregor, J., McNeill, J., Morley, P., Reeve, I., & Stayner, R. (2016). Top-down assessment of disaster resilience: A conceptual framework using coping and adaptive capacities. International Journal of Disaster Risk Reduction, 19, 1-11. https://www.academia.edu/78704861/Top_down_assessment_of_disaster_resilience_a_conceptual_framework_using_coping_and_adaptive_capacities
- Portugal, A. & Alberto, I. (2014). Escala de avaliação e comunicação na parentalidade (COMPA). In A. P. Relvas & S. Major (Coords.), Avaliação familiar: Funcionamento e intervenção (Vol. 1, pp. 43-67). Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Rutter, M. (1990). Psychosocial resilience and protective mechanisms. In: J. Rolf, A. S. Masten, D. Cicchetti, K. H. Nuechterlein, & S. Weintraub, Risk and protective factors in the development of psychopathology (pp. 181-214). Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511752872.013>
- Sampaio, D. (2018). Do telemóvel para o Mundo. Editorial Caminho.
- Walsh, F. (2005). Fortalecendo a resiliência familiar. Roca.

ESTRATÉGIAS NÃO FARMACOLÓGICAS NA ABORDAGEM DA DOR NA CRIANÇA: REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA

Correia, C., Tavares, J., Meireles, S., & Aparício, G. (agosto, 2023).

Estratégias não farmacológicas na abordagem da dor na criança: revisão integrativa da literatura.

In Congresso Internacional: A Criança no Mundo! Hoje e Amanhã (pp. 22-22).

Viseu, Portugal: Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Saúde.

Carolina Correia¹

Joana Tavares¹

Sofia Meireles²

Graça Aparício³

¹Serviço de Neonatologia, CHTMAD Vila Real

²Serviço de Urgência Pediátrica, ULS de Castelo Branco – Hospital Amato Lusitano

³Health Sciences Research Unit: Nursing (UICISA: E) e professora na Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Viseu

Introdução: A abordagem da dor na criança é um processo complexo devido à dificuldade da avaliação da dor em idade pediátrica. As estratégias não farmacológicas são um recurso fundamental para o alívio da dor na criança, visto que alteram as expectativas e construções associadas aos sentimentos de medo, stresse e ansiedade, sendo uma prioridade na intervenção do Enfermeiro Especialista em Saúde Infantil e Pediátrica na promoção do conforto em circunstâncias potencialmente dolorosas.

Objetivo: Compreender a abordagem da dor através das estratégias não farmacológicas na criança.

Métodos: Revisão integrativa da literatura, com pesquisa de estudos nas bases de dados PubMed e Scopus. Da pesquisa resultaram 168 artigos que, pelos critérios definidos, se incluíram 7 estudos, tendo sido efetuada a avaliação crítica dos mesmos por 3 revisores independentes.

Resultados: Dos estudos incluídos, quatro estudos randomizados e controlados, um estudo piloto, um estudo quasi-experimental e um estudo de caso, todos destacam a pertinência das estratégias não farmacológicas no alívio da dor na criança e jovem. Salienta-se a aplicabilidade das estratégias não farmacológicas cognitivo-comportamentais em crianças submetidas a procedimentos dolorosos.

Conclusão: A gestão diferenciada da dor na criança é um foco importante de intervenção de Enfermagem, especialmente as estratégias não farmacológicas, já que estas são implementadas de forma autónoma, são seguras e de baixo custo, bastante eficazes e não invasivas. Estas estratégias devem estar presentes na prática diária de cuidados do Enfermeiro Especialista em Saúde Infantil e Pediátrica, promovendo o bem-estar da criança e jovem e sua família e a maximização do seu desenvolvimento.

Palavras Chave: Criança; Estratégias não farmacológicas; Dor; Pediatria; Enfermagem

Keywords: Child; Non-pharmacological strategies; Pain; Pediatrics; Nursing

Bibliografia

- Buzzi, F., Yahya, N. B., Gambazza, S., Binda, F., Galazzi, A., Ferrari, A., Crespan, S., Al-Atroushy, H. A., Cantoni, B. M., Laquintana, D., & Collaborative Group. (2022). Use of Musical Intervention in the Pediatric Intensive Care Unit of a Developing Country: A Pilot Pre-Post Study. *Children*, 9(4), 455. <https://doi.org/10.3390/children9040455>.
- Cambulat Şahiner, N., & Türkmen, A. S. (2019). The effect of distraction cards on reducing pain and anxiety during intramuscular injection in children. *Worldviews on Evidence-Based Nursing*, 16(3), 230-235. <https://doi.org/10.1111/wvn.12359>.
- Kristensen, H. N., Sørensen, E. E., Stinson, J., & Haslund-Thomsen, H. (2019). An ongoing WE: A focused ethnographic study of the relationship between child and hospital clown during recurrent pain-related procedures and conditions. *Paediatric and Neonatal Pain*, 1(1), 5-14. <https://doi.org/10.1002/pne2.12005>.
- Le May, S., Hupin, M., Khadra, C., Ballard, A., Paquin, D., Beaudin, M., Bouchard, S., Cotes-Turpin, C., Noel, M., Guingo, E., Hoffman, H. G., Dery, J., Hung, N., & Perreault, I. (2021). Decreasing pain and fear in medical procedures with a pediatric population (DREAM): a pilot randomized within-subject trial. *Pain Management Nursing*, 22(2), 191-197. <https://doi.org/10.1016/j.pmn.2020.10.002>.
- Sirtin Tumakaka, G. Y., Nurhaeni, N., & Wanda, D. (2020). Squeezing a squishy object effectively controls pain in children during intravenous catheter insertion. *Pediatric Reports*, 12(s1), 8692. <https://doi.org/10.4081/pr.2020.8692>.
- Suzan, Ö. K., Şahin, Ö. Ö., & Baran, Ö. (2020). Effect of Puppet Show on Children's anxiety and pain levels during the circumcision operation: A randomized controlled trial. *Journal of Pediatric Urology*, 16(4), 490-e1. <https://doi.org/10.1016/j.jpuro.2020.06.016>.
- Zengin, M., & Yayan, E. H. (2022). A Comparison of Two Different Tactile Stimulus Methods on Reducing Pain of Children During Intramuscular Injection: A Randomized Controlled Study. *Journal of Emergency Nursing*, 48(2), 167-180. <https://doi.org/10.1016/j.jen.2021.10.006>.

PERSPETIVAS DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE NA ÁREA DA DIVERSIFICAÇÃO ALIMENTAR VEGETARIANA NO LATENTE: UMA SCOPING REVIEW

Miranda, J., Borges, L., & Godinho, C. (agosto, 2023).

Perspetivas dos Profissionais de Saúde na área da diversificação alimentar vegetariana no latente: Uma scoping review.

In Congresso Internacional: A Criança no Mundo! Hoje e Amanhã (pp. 23-23).

Viseu, Portugal: Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Saúde.

Joana Miranda¹
Liliana Borges²
Celeste Godinho¹

¹Instituto Politécnico de Santarém – Escola Superior de Saúde de Santarém

²ACES Médios Tejo – USF Almonda – Polo Olaia

Introdução: A alimentação constitui forte determinante em saúde, ato de expressão de carinho e uma importante vertente do comportamento individual e social (Silva et al, 2015). A par de um vasto conjunto de atualizações relativas à diversificação alimentar no latente, assiste-se a uma mudança paradigmática e cultural, integrando novas tendências nas dietas familiares. Por outro lado, existem evidências dos benefícios para a saúde do consumo de alimentos de origem vegetal (Baroni et al, 2018) e para a sustentabilidade do planeta (APN,2017).

Métodos: Desenvolveu-se uma “Scoping Review” nas plataformas EBSCO e PUBMED, baseada no protocolo PRISMA, com o objetivo de sistematizar as perspetivas e o papel dos profissionais de saúde na diversificação alimentar vegetariana do latente.

Resultados: Com esta revisão foi possível mapear a evidência científica mais atual e identificar paralelismos entre os estudos encontrados, normas das entidades de referência e a prática clínica, promotores de uma intervenção de enfermagem mais suportada.

Conclusões: Os resultados obtidos constituem relevância para melhor capacitar as famílias, por profissionais especializados e detentores de formação adequada. É importante a produção de mais conhecimento, com ênfase num adequado planeamento e acompanhamento da dieta no latente, no sentido da mitigação de riscos de carências nutricionais, com suplementação adequada e individualizada, que poderão comprometer o desenvolvimento da criança.

Palavras Chave: Dieta Vegetariana; Primeira infância; Profissionais de Saúde; Desenvolvimento infantil

Keywords: Vegetarian diet; Early childhood; Healthcare professionals; Child development

Bibliografia

- Associação Portuguesa de Nutrição, 2017. Alimentar o futuro: uma reflexão sobre sustentabilidade alimentar. E-book n.º 43. Porto: Associação Portuguesa de Nutrição. Obtido em 13/05/2023 em EBOOK_SUSTENTABILIDADE.pdf (apn.org.pt)
- Baldassarre, M. E., Panza, R., Farella, I., Posa D., Capozza, M., Mauro, A. D., & Laforgia, N. (2020). Vegetarian and Vegan Weaning of the Infant: How Common and How Evidence-Based? A Population-Based Survey and Narrative Review. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 17(13). <https://doi.org/10.3390/ijerph17134835>
- Baroni, L., Goggi, S., & Battino, M. (2019). Planning Well-Balanced Vegetarian Diets in Infants, Children, and Adolescents: The VegPlate Junior. *Journal of the Academy of Nutrition and Dietetics*, 119(7), 1067–1074. <https://doi.org/10.1016/j.jand.2018.06.008>
- Bustamante Llatas, J. P., Gordillo Julón, M. A., Díaz Manchay, R. J., Mogollón Torres, F. de M., Vega Ramírez, A. S., & Tejada Muñoz, S. (2019). Lactancia materna, alimentación complementaria y suplementación com multimicronutrientes: Perspectiva intercultural. *Cultura de Los Cuidados*, 2019 (54), 231-243. <https://doi.org/10.14198/cuid.2019.54.20>
- Redecilla Ferreiro, S., Moráis López, A., Moreno Villares, J. M., en representación del Comité de Nutrición y Lactancia Materna de la AEP, & Autores (2020). Recomendaciones del Comité de Nutrición y Lactancia Materna de la Asociación Española de Pediatría sobre las dietas vegetarianas [Position paper on vegetarian diets in infants and children. Committee on Nutrition and Breastfeeding of the Spanish Paediatric Association]. *Anales de pediatría*, 92(5), 306.e1–306.e6. <https://doi.org/10.1016/j.anpedi.2019.10.013>
- Silva, S. C. G., Pinho, J. P., Borges, C., Santos, C. T., Santos, A., & Graça, P. (2015). Linhas de orientação para uma alimentação vegetariana saudável. Programa Nacional para a Promoção da Alimentação Saudável, DGS. <https://alimentacaosaudavel.dgs.pt/activeapp2020/wp-content/uploads/2020/01/Linhas-de-Orientação-para-uma-Alimentação-Vegetariana-Saudável.pdf>
- Simeone, G., Bergamini, M., Verga, M. C., Cuomo, B., D’Antonio G., Lacono, I. D., Mauro, D. D., Mauro, F., D., Mauro, G. D., Leonardi, L., Miniello, V., L., Palma, F., Scotese, L., Tezza, G., Vania, A., & Caroli, M., (2022). Do Vegetarian Diets Provide Adequate Nutrient Intake during Complementary Feeding? A Systematic Review. *Nutrients*, 14(17), 3591. <https://doi.org/10.3390/nu14173591>

MEDOS DAS CRIANÇAS EM AMBIENTE HOSPITALAR

Gonçalves, A., & Jorge, A. M. (agosto, 2023).

Medos das crianças em ambiente hospitalar.

In Congresso Internacional: A Criança no Mundo! Hoje e Amanhã (pp. 24-25).

Viseu, Portugal: Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Saúde.

Adelina Gonçalves
Ana Maria Jorge¹

¹Escola Superior de Saúde – IPG

Os episódios urgentes em pediatria revestem-se de componentes com elevado grau de complexidade, afetando a criança e a família física e emocionalmente, podendo desequilibrar todo o sistema familiar, caracterizando-se inevitavelmente por experiências de medo. A emoção medo nas crianças associa-se ao desconhecido, ao sofrimento, à dor e às próprias vivências ao estágio de desenvolvimento. Este estudo teve como objetivo analisar os medos das crianças em idade escolar em ambiente hospitalar, recorrendo a um estudo quantitativo, descritivo e correlacional. A amostra foi constituída por 64 crianças em idade escolar (6- 12 anos) do serviço de Urgência Pediátrica, Pediatria e Consulta. Os dados foram recolhidos através de questionário preenchido pelas crianças.

Dos resultados salienta-se que as crianças interpretam o medo como uma ameaça de serem abandonadas, o medo dos pais não poderem ficar com elas, da morte e da não recuperação total devido à doença, de procedimentos invasivos, do desconhecido, de não terem informação sobre o prognóstico, perda de controlo sobre a situação e mesmo de serem imobilizadas. Os medos mais focados estão relacionados com as injeções, serem suturados, fazer análises e de sentirem dor. Também referem medo de acordarem durante a anestesia e de sentirem algo durante a intervenção cirúrgica. Em relação à escola revelam medo de reprovar o ano. Este estudo destaca que as crianças não referem medo dos enfermeiros nem dos médicos. Os enfermeiros ajudam a gerir os medos através de estratégias confortantes, calmas e de lazer, tais como a distração, o jogo e a música. Simultaneamente usam estratégias através do afeto, do carinho, da simpatia, do sorriso, da confiança, da positividade, da empatia e do humor.

Palavras Chave: Crianças; Medos; Urgência; Enfermagem; Gestão Emocional

Keywords: Children; Fears; Emergency; Nursing; Emotional Management

Bibliografia

- Aldridge, M. (2005). Decreasing parental stress in the pediatric intensive care unit: One unit's experience. *Critical Care Nurse*, 25(6), 40-50. <https://doi.org/10.4037/ccn2005.25.6.40>
- Brito, T. R. P., Resck, Z. M. R., Moreira, D. S., & Marques, S. M. (2009). As práticas lúdicas no cotidiano do cuidar em enfermagem pediátrica. *Revista Enfermagem*, 13(4), 802-808. <https://doi.org/10.1590/S1414-81452009000400016>
- Broering, C. V., & Crepaldi, M. A. (2011). Preparação psicológica e o estresse de crianças submetidas a cirurgias. *Psicologia em Estudo*, 16(1). <https://doi.org/10.1590/S1413-73722011000100003>
- Conselho Internacional de Enfermeiros. (2016). CIPE versão 2015: Classificação internacional para a prática de enfermagem. Ordem dos Enfermeiros.
- Diogo, P. (2015). Trabalho com as emoções em enfermagem pediátrica: Um processo de metamorfose da experiência emocional no acto de cuidar (2ª ed.) Lusodidacta.
- Hockenberry, M. J., & Wilson, D. (2014). Influência da família na promoção da saúde da criança. In M. J. Hockenberry, & D. Wilson, In Wong, *Enfermagem da Criança e do Adolescente* (3/pp. 108-159). Lusociência.
- Izard, C. E., & Ackerman, B. P. (2004). Motivational, organization and regulatory functions of discrete emotions. In M. Lewis, & J. M. Haviland-Jones, *Handbook of emotions* (2/pp. 253-264). The Guilford Press.
- Jansen, M., Santos, R., & Favero, L. (2010). Benefícios da utilização do brinquedo durante o cuidado de enfermagem prestado à criança hospitalizada. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 2, 247-253. <https://doi.org/10.1590/S1983-14472010000200007>
- Kiche, M., & Almeida, F. (2009). Brinquedo terapêutico: estratégia de alívio da dor e tensão durante o curativo cirúrgico em crianças. *Acta Paulista de Enfermagem*, 22(2), 125-30. <https://doi.org/10.1590/S0103-21002009000200002>
- Lewis, M. (2004). Self-conscious emotions: embarrassment, pride, shame and guilt. In M. Lewis, J. M. Haviland-Jones, *Handbook of emotions*. (2/pp. 623-636). The Guilford Press.
- Ollendick, T. H., & King, N. J. (1991). Origins of childhood fears: na evaluation of Rachman's theory of fear acquisition. *Behaviour Research and Therapy*, 29(2), 117-123. [https://psycnet.apa.org/doi/10.1016/0005-7967\(91\)90039-6](https://psycnet.apa.org/doi/10.1016/0005-7967(91)90039-6)
- Ollendick T. H., Grilles A.E., & Alexander. K. L. (2001). Fears, Worries, and anxiety in children and adolescents In C. A. Essau, & F. Petermann, *Anxiety disorders in children and adolescents: epidemiology, risk factors and treatment*. (1/pp.1-35). Harwood publishers.

- Ordem dos Enfermeiros (2010)- Regulamento das competências específicas do Enfermeiro Especialista em Enfermagem de Saúde da Criança e do Jovem. https://www.ordemenfermeiros.pt/media/4902/regulamentocompetenciacrian%C3%A7ajov_aprovaog_20nov2010.pdf
- Ordem dos Enfermeiros (2011). Guias Orientadores de Boa Prática em Enfermagem de Saúde Infantil e Pediátrica- Volume II. Cromotipo.
- Ordem dos Enfermeiros (2013). Guias orientadores de boa prática em enfermagem de saúde infantil e pediátrica: Diminuir o medo da cirurgia: Assistir a criança com diabetes mellitus I: Assistir a criança com estoma. Ordem dos Enfermeiros. https://www.ordemenfermeiros.pt/arquivo/publicacoes/Documents/CadernosOE_GuiasOrientadoresBoaPraticaCEESIP_VolIII.pdf
- Rozin, P., Haidt, J., & McCauly, C. R. (2004). Disgust. In M. Lewis, J. M. & Haviland-Jones, Handbook of emotions. (2/pp. 637-653). The Guilford Press. <https://pages.stern.nyu.edu/~jhaidt/articles/rozin.haidt.2000.disgust.pub017.pdf>
- Tavares, P. (2011). Acolher brincando: A Brincadeira Terapêutica no Acolhimento de Enfermagem à Criança Hospitalizada. Lusociência
- Zengerle-Levy, K. (2004). Practices that facilitate critically burned childrens holistic healing. Qualitative Health Research, 14(9), 1255–1275. <https://doi.org/10.1177/1049732304268666>

PERCEÇÃO DA QUALIDADE DE VIDA DE ADOLESCENTES DO 6º ANO DE ESCOLARIDADE

Arantes, A., Santos, A., Costa, J., Silva, J., Torres, L., Cerqueira, M., & Graça, L. (agosto, 2023).
Perceção da qualidade de vida de adolescentes do 6º ano de escolaridade.
In Congresso Internacional: A Criança no Mundo! Hoje e Amanhã (pp. 26-26).
Viseu, Portugal: Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Saúde.

Ana Arantes¹
Andreia Santos¹
Joana Costa¹
João Silva¹
Luís Torres¹
Maria Cerqueira¹
Luís Graça¹

¹Escola Superior de Saúde – IPVC

Introdução: A adolescência é uma fase de transição no ciclo vital, que acarreta mudanças ao nível biopsicossocial. O enfermeiro acompanha o processo de transição, tornando-o menos angustiante e contribuindo para o desenvolvimento saudável e para a qualidade de vida. O presente estudo tem como objetivo analisar a relação entre as condições de vida e a perceção de qualidade de vida (QV) de adolescentes do 6º ano de escolaridade.

Métodos: Estudo descritivo-correlacional e transversal, com uma amostra por cachos (em função do agrupamento escolar), constituída por 271 adolescentes de 6º ano de escolaridade, de escolas públicas do concelho de Viana do Castelo. A recolha de dados foi efetuada através do KIDSCREEN-52 (alfa Cronbach 0,94). No tratamento de dados recorreu-se a testes paramétricos e nível de significância de 5%.

Resultados: Os estudantes tinham idades entre 10 e 14 anos, com média de $11,02 \pm 4,88$, sendo 50,9% rapazes. A perceção de QV é elevada sendo superior nos rapazes, com diferenças estatisticamente significativas ($\text{sig} < 0,05$) para o “Estado de Humor Geral” e “Auto-perceção”. Os de nacionalidade portuguesa apresentaram uma média de perceção de QV superior. Níveis de escolaridade dos pais mais elevados associaram-se uma maior perceção de QV, assim como viver com ambos os pais. Maior satisfação com o ambiente escolar associou-se maior perceção global de QV e o sentimento de medo associou-se a pior com a perceção.

Conclusões: A QV é influenciada por diversos fatores que merecem maior aprofundamento e estudo de modo a desenvolver ações que permitam melhorar a QV dos adolescentes.

Palavras Chave: Adolescente; Qualidade de Vida; Saúde; Ensino; Enfermagem

Keywords: Adolescent; Quality of Life; Health; Teaching; Nursing

CARACTERIZAÇÃO DO PERFIL CLÍNICO DE CRIANÇAS ESCOLARES EM USO DE ANTIBIOTICOTERAPIA DOMICILIAR

Lima, G. A., Lima, F. E. T., Ventura, M. W. S., Sombra, S. E. L., Diógenes, M. S., & Fontenele, M. G. M. (agosto, 2023).

Caracterização do perfil clínico de crianças escolares em uso de antibioticoterapia domiciliar.

In Congresso Internacional: A Criança no Mundo! Hoje e Amanhã (pp. 27-27).

Viseu, Portugal: Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Saúde.

Glaubervania Alves Lima¹

Francisca Elisângela Teixeira Lima¹

Maria Williany Silva Ventura¹

Sara Emilly Lima Sombra¹

Mariana da Silva Diógenes¹

Maria Gabriela Miranda Fontenele¹

¹Universidade Federal do Ceará

Introdução: As crianças apresentam particularidades em seu organismo e ao serem inseridas no ambiente escolar, ficam biologicamente mais vulneráveis a adquirirem uma doença e a utilizarem algum tipo de antibiótico. O objetivo foi verificar o perfil de crianças escolares que fizeram uso de antibióticos em domicílio.

Métodos: Estudo descritivo, realizado com pais de crianças escolares, por meio de entrevista telefônica e autopreenchimento de um instrumento sociodemográfico e clínico. A coleta ocorreu no período de setembro a novembro de 2022, na cidade de Fortaleza, no estado do Ceará, Brasil. A amostra foi composta por 209 pais. A análise descritiva dos dados se deu por meio do programa Statistical Package for the Social Sciences (SPSS). O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa.

Resultados: No perfil sociodemográfico dos pais, houve prevalência do sexo feminino (90,9%); faixa etária de 19 a 39 anos (77,0%) e um filho (58,4%). A média de idade das crianças foi de 5,65 + 3,1 anos, o antibiótico mais utilizado foi a amoxicilina (30,1%) e os principais motivos para utilização foram: inflamação na garganta (28,2%); gripe (14,4%); pneumonia (7,7%) e sinusite (7,7%). Os pais também citaram outros problemas de saúde, como: tosse, otite, amigdalite e rinite.

Conclusões: Conclui-se que a maioria das crianças eram pré-escolares, com pais adultos jovens. O uso dos antibióticos ocorreu principalmente por infecções respiratórias, reforçando a importância de desenvolver estratégias de promoção da saúde nas escolas, com o intuito de orientar e sensibilizar os pais quanto aos riscos da utilização indiscriminada dos antibióticos.

Palavras Chave: Enfermagem; Saúde da criança; Antibióticos

Keywords: Nursing; Child Health; Antibiotics

Bibliografia

Coslin, P. G. (2009). Psicologia do Adolescente. Instituto Piaget.

World Health Organization, Regional Office for South-East Asia. (2003). Trainers guide on adolescent mental health promotion. WHO Regional Office for South-East Asia. <https://apps.who.int/iris/handle/10665/206026>

SINALIZAÇÃO PARA A INTERVENÇÃO PRECOCE NA INFÂNCIA

Viana, C., & Gonçalves, M. (agosto, 2023).

Sinalização para a intervenção precoce na infância.

In Congresso Internacional: A Criança no Mundo! Hoje e Amanhã (pp. 28-28).

Viseu, Portugal: Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Saúde.

Cláudia Viana¹
Manuela Gonçalves¹

¹ELI de Sátão

Introdução: A Intervenção Precoce na Infância é um conjunto de medidas de apoio da área social, da educação e da saúde, para crianças entre os 0 e os 6 anos e suas famílias. Abrange crianças com alterações nas funções ou estruturas do corpo que limitam a participação nas atividades típicas para a respetiva idade e contexto social e/ou com risco grave de atraso de desenvolvimento. As Equipas Locais de Intervenção Precoce (ELI) acompanham crianças e famílias com estas alterações. Pretendeu-se: Efetuar a caracterização sociodemográfica das crianças acompanhadas pela ELI de Sátão e identificar a idade das crianças à data da sinalização, no ano de 2022.

Metodologia: Descritiva tendo por base a recolha de dados através das plataformas informáticas SClínico e do Sistema Nacional de Intervenção Precoce na Infância- SNIPI.

Resultados: A ELI de Sátão acompanhou 93 crianças nos três Concelhos de Intervenção (Sátão, Vila Nova de Paiva e Penalva do Castelo), 58 do género masculino e 35 do género feminino. Foram sinalizadas para a ELI de Sátão 13 crianças com idades ≤ 3 anos e 80 com idades ≥ 3 anos.

Conclusão: A maioria das sinalizações (80) ocorreram em idades iguais ou superiores a três anos, pelo que se torna pertinente que a sinalização ocorra o mais precocemente possível. Quanto mais cedo a criança for sinalizada para apoio da ELI maior será o sucesso da intervenção, ou seja, maior o potencial de desenvolvimento de cada criança.

Palavras Chave: Intervenção; Precoce; Criança; Família

Keywords: Intervention; Precocious; Child; Family

Bibliografia

- Carvalho, L., Almeida, I., Figueiras, I., Leitão, S., Boavida, J., Santos, P., Serrano, A., Brito, A., Lança, C., Pimentel, J., Pinto, A., Grande, C., Brandão, T., & Franco, V. (2016). Práticas Recomendadas em Intervenção Precoce na Infância: um guia para profissionais (1st ed.). Associação Nacional de Intervenção Precoce.
- Portugal, Decreto-Lei n.º 281/2009. (2009, Outubro 6). Cria o sistema nacional de intervenção precoce na infância. Diário da República, 1(193), pp.7298-7301. <https://files.diariodarepublica.pt/1s/2009/10/19300/0729807301.pdf>

EDUCAÇÃO SEXUAL NUMA ESCOLA EM MEIO RURAL: UM PROJETO DE INTERVENÇÃO

Rodrigues, C. V., Albuquerque, F., Fernandes, F., Pipa, T., Cunha, D., & Nunes, R. L. (agosto, 2023).
Educação sexual numa escola em meio rural: um projeto de intervenção.
In Congresso Internacional: A Criança no Mundo! Hoje e Amanhã (pp. 29-29).
Viseu, Portugal: Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Saúde.

Carolina Rodrigues¹
Fernando Albuquerque¹
Filipe Fernandes¹
Teresa Pipa¹
Deolinda Cunha²
Rita Luís Nunes¹

¹USF Lusitana

²UCSP Sátão

Introdução: Apesar do crescente acesso à informação, a gravidez na adolescência e as infeções sexualmente transmissíveis (ISTs) continuam a ser uma realidade. Com o objetivo de colmatar a desinformação, realizou-se uma intervenção formativa no âmbito da Educação Sexual numa escola em meio rural.

Métodos:Sessão sobre ISTs, métodos contraceptivos (MC) e consulta de planeamento familiar, a adolescentes do 7ºano. Aplicação de um questionário de forma a avaliar o seu conhecimento e impacto destas sessões.

Resultados: 25 adolescentes, entre os 12-16 anos, a maioria do sexo feminino e etnia cigana. Na questão “Alguma vez abordaste questões relacionadas com ISTs?” 14 alunos responderam que sim, tendo adquirido essa informação na escola, junto da família e redes sociais.

Na questão “Alguma vez abordaste questões relacionadas com MC?” metade respondeu que sim, junto da escola, família e redes sociais. Relativamente às questões de conhecimento, nos questionários pré-sessão, 62,9% responderam “Não sei/Não respondo”, com apenas 22,3% de respostas corretas.

Após a apresentação, as respostas corretas aumentaram para 41,5% e a percentagem de respostas “Não sei/Não respondo” diminuiu para 35,6%.

Passados 5 meses da intervenção, 33,7% respondeu corretamente e 47.1% respondeu “Não sei/Não respondo”.

Conclusões:Mais de metade dos jovens teve contacto prévio com informação sobre ISTs e MC, contudo, a grande maioria não sabia/errou as questões. Isto mostra-nos que as informações não estão a ser passadas de forma clara ou correta. O aumento na % de respostas corretas mostra que intervenções são necessárias para aumentar o conhecimento dos nossos adolescentes, possibilitando uma vivência da sexualidade mais saudável e positiva.

Palavras Chave: Infeções sexualmente transmissíveis; Contraceção; Adolescentes; Prevenção primária

Keywords: Sexually Transmitted Infections; Contraception; Teenagers; Primary prevention

Bibliografia

- Silva, M. H., Ferreira, S., Águeda, S., Almeida, A. F., Lopes, A., & Pinto, F. (2012). Sexualidade e risco de gravidez na adolescência: Desafios de uma nova realidade pediátrica. *Acta Pediátrica Portuguesa*, 43(1), 8-15. <https://ojs.pjp.spp.pt/article/view/631/528>
- Brêtas, J. R. S., Ohara, C. V. S., Jardim, D. P., Junior, E. A., & Oliveira, J. R. (2011). Aspectos da sexualidade na adolescência. *Ciência & Saúde Coletiva*, 16(7), 3221-3228. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232011000800021>
- Associação para o Planeamento da Família. (s.d.). Educação sexual. Recuperado Maio 10, 2023, em <http://www.apf.pt/educacao-sexual>
- Vilar D., & Ferreira P. M. (2008). A educação sexual dos jovens portugueses: Conhecimentos e fontes. APF-ICS. http://www.apf.pt/sites/default/files/media/2016/artigo_versao_final_para_site.pdf

DESENVOLVIMENTO DA COMUNICAÇÃO EM CRIANÇAS MENORES DE 5 ANOS DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

Ventura, M. W. S., Diógenes, M. S., Oliveira, B. S. B., Lima, G. A., Almeida, P. C., & Lima, F. E. T. (agosto, 2023).

Desenvolvimento da comunicação em crianças menores de 5 anos durante a pandemia de COVID-19.

In Congresso Internacional: A Criança no Mundo! Hoje e Amanhã (pp. 30-30).

Viseu, Portugal: Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Saúde.

Maria Williany Silva Ventura¹

Mariana da Silva Diógenes¹

Brena Shellem Bessa de Oliveira¹

Glaubervania Alves Lima¹

Paulo Cesar de Almeida²

Francisca Elisângela Teixeira Lima¹

¹Universidade Federal do Ceará

²Universidade Estadual do Ceará

Introdução: A COVID-19 se disseminou rapidamente ocasionando diversas repercussões no bem estar e desenvolvimento infantil. Assim, teve-se como objetivo avaliar o desenvolvimento da comunicação em crianças menores de cinco anos durante a pandemia da COVID-19.

Métodos: Estudo transversal, realizado no estado do Ceará-Brasil, com 306 crianças de cinco a 66 meses de idade. A coleta ocorreu de agosto de 2021 a maio de 2022, via aplicativo telefônico. Utilizou-se o questionário ASQ-3, que é dividido em cinco domínios, sendo um desses a comunicação, com nota de corte classificada como: acima, próximo e abaixo da pontuação estabelecida por faixa etária. A análise descritiva e inferencial deu-se por meio dos testes Qui-Quadrado de Pearson e Razão de Verossimilhança, considerando significativo valor de $p < 0,05$.

Resultados: A maioria das crianças tinha de 24 a 60 meses (63,7%), sexo feminino (50,3%), cor não-branca (59,3%); e nascidas a termo (88,5%). Na avaliação do desenvolvimento da comunicação, as crianças apresentaram maior percentual na classificação acima da nota de corte (81%), seguida de notas próximas da nota de corte (11,1%). Na análise comparativa da comunicação com os fatores sociodemográficos, verificou-se significância estatística com Idade gestacional ($p=0,001$) e internação após o nascimento ($p=0,010$).

Conclusões: O desenvolvimento da comunicação foi satisfatória, sofrendo influência da idade gestacional e do internamento pós-nascimento. A avaliação periódica da evolução da comunicação das crianças é necessária para o planejamento e implementação de estratégias de promoção do desenvolvimento infantil satisfatório.

Palavras Chave: Infecções por Coronavirus; Pediatria; Desenvolvimento infantil; Enfermagem

Keywords: Coronavirus infections; Pediatrics; Child development; Nursing

OBESIDADE INFANTIL: UM PROBLEMA QUE HABITA EM CASA?

Fernandes, F., Rodrigues, C., Pipa, T., Albuquerque, F., Cunha, D., & Marques, A. (agosto, 2023).

Obesidade infantil: um problema que habita em casa?.

In Congresso Internacional: A Criança no Mundo! Hoje e Amanhã (pp. 31-31).

Viseu, Portugal: Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Saúde.

Filipe Fernandes¹
Carolina Rodrigues¹
Teresa Pipa¹
Fernando Albuquerque¹
Deolinda Cunha²
Ana Marques¹

¹USF Lusitana

²UCSP Sátão

Introdução: A obesidade infantil constitui um importante problema de saúde pública. Segundo o estudo COSI Portugal, em 2019, 11,9% das crianças apresentavam obesidade e 29,7% excesso de peso. O estudo teve como objetivo avaliar a presença de uma prevalência aumentada de pais obesos em crianças com excesso de peso/obesidade.

Metodologia: Estudo retrospectivo. Recolheu-se o peso dos utentes com 10A em 2021 e o último valor de Índice de Massa Corporal (IMC) dos pais (entre 2022 e 2018).

Dados obtidos através do SClínico® e MIM@UF® e analisados no Microsoft Excel®.

Resultados: Amostra final de 94 crianças, 22,3% (n=21) com peso >P97, 29,8% (n=28) com P85-97 e 47,5% (n=45) com P<85.

Das crianças com obesidade, 52% têm pelo menos um pai com IMC>30. Apenas uma tem ambos os pais com IMC normal.

Nas crianças com excesso de peso, 29,8% têm pelo menos um dos pais obesos. Apenas duas têm ambos os pais com IMC normal.

Quanto às crianças com IMC com P<85, 31% (n=14) têm um dos pais obesos e 17,8% (n=8) com pais de IMC normal.

Conclusões: Este estudo evidencia que há uma prevalência aumentada de pais obesos em crianças com excesso de peso/obesidade, quando comparados com crianças com peso normal. Parece haver uma influência da família nos estilos de vida das crianças. São fulcrais as intervenções dirigidas à mudança do estilo de vida, não só da criança, mas de todo o agregado familiar.

Palavras Chave: Obesidade infantil; Família; Estilo de vida

Keywords: Childhood obesity; Family; Lifestyle

Bibliografia

- Mascarenhas, L. P. G., Modesto, M. J., Amer, N. M., Boguszewski, M. C. S., Filho, L. de L., & Prati, F. S. (2013). Influência do excesso de peso dos pais em relação ao sobrepeso e obesidade dos filhos. *Pensar a Prática*, 16(2). <https://doi.org/10.5216/rpp.v16i2.17601>
- Portugal, Ministério da Saúde, Instituto Nacional de Saúde Doutor Ricardo Jorge. (2021). Infográfico INSA: Obesidade infantil. INSA. <https://www.insa.min-saude.pt/infografico-insa-obesidade-infantil/>
- Silva, L. R., Lima, M. R. da S., Teixeira, E. C. A., Cardoso, A. A. R., Pinheiro, J. S. R., Nogueira, M. D. de A., Bezerra, G. O. dos S., & Santos, C. C. dos. (2019). A influência dos pais no aumento do excesso de peso dos filhos: uma revisão de literatura/ The influence of parents in increasing the excess of children's weight: a literature review. *Brazilian Journal of Health Review*, 2(6), 6062–6075. <https://doi.org/10.34119/bjhrv2n6-101>

DIFICULDADES SENTIDAS NO EXERCÍCIO DA PARENTALIDADE POSITIVA: PAIS/MÃES COM FILHOS DOS 0-3 ANOS DE IDADE

Valente, A. C., & Bica, I. (agosto, 2023).

Dificuldades sentidas no exercício da parentalidade positiva: pais/mães com filhos dos 0-3 anos de idade.

In Congresso Internacional: A Criança no Mundo! Hoje e Amanhã (pp. 32-32).

Viseu, Portugal: Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Saúde.

Ana Cristina Valente¹
Isabel Bica²

¹CHTV, EPE; Escola Superior de Saúde de Viseu/IPV

²Escola Superior de Saúde de Viseu/IPV/CINTESIS@RISE/UICISA: E

Introdução: A transição para a parentalidade pode ser um momento stressante e difícil para os pais, no entanto uma transição bem-sucedida para a parentalidade é um processo de construção para a parentalidade positiva precoce (Sourander et al., 2010).

O objetivo é identificar as dificuldades sentidas nas dimensões do exercício da Parentalidade Positiva tendo em conta a idade da criança.

Métodos: Estudo quantitativo, descritivo e transversal, numa amostra por conveniência em 90 pais (pai/mãe) de crianças dos 0-3 anos a frequentar a creche/jardim-de-infância da região centro do país. A recolha de dados foi efetuada através de um questionário constituído pela caracterização geral do pai/mãe (ad hoc), caracterização referente à criança e a Escala de Parentalidade Positiva validada para a população portuguesa (Lopes & Dixe, 2012).

Resultados: Dos participantes que referiram dificuldades no primeiro mês de vida da criança, em 27,7% essas dificuldades foram sentidas na satisfação das necessidades físicas, saúde e segurança, situação semelhante nas idades de 1 aos 3 meses com 26,5%, valor mais elevado e na criança dos 4 aos 7 meses, 12,0%. Nas idades dos 8 aos 12 meses, prevalecem os que indicaram as dificuldades no desenvolvimento/comportamento/estimulação (31,9%). Dos participantes que tiveram dificuldades entre os 1-2 anos, as mais evidentes recaíram na disciplina positiva (42,3%) e nos 2-3 anos, há um predomínio de dificuldades ao nível da disciplina positiva (52,1%).

Conclusão: Os resultados sugerem que a promoção da parentalidade positiva é essencial para o bem-estar infantil. O Enfermeiro deve promover intervenções/atividades para a capacitação dos pais nas diferentes dimensões da parentalidade positiva.

Palavras Chave: Parentalidade positiva; Criança; Enfermeira; Família

Keywords: Parenting; Child Development; Nurse; Family

Bibliografia

- Gilmer, G., Buchan, J. L., Letourneau, N., Bennett, C. T., Shanker, S.G., Fenwick, A., & Smith-Chant, B. (2016). Parent education interventions designed to support the transition to parenthood: A realist review. *International Journal of Nursing Studies*, 59, 118-133. <https://doi.org/10.1016/j.ijnurstu.2016.03.015>
- Lopes, M. S. O. C. (2012). Apoiar na parentalidade positiva: Áreas de intervenção de enfermagem [Tese de doutoramento, Universidade Católica Portuguesa]. Veritati, Repositório Institucional da Universidade Católica Portuguesa. <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/10563>
- Lopes, M. S. O. C., & Dixe, M. A. C. R. (2012). Exercício da parentalidade positiva pelos pais de crianças até três anos: Construção e validação de escalas de medida. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 20(4), 787-795. <https://www.scielo.br/j/rlae/a/VVZJKWRcdPx8v9r6bjzJKhP/?format=pdf&lang=pt>
- Sourander, A., Brunstein Klomek, A., Ikonen, M., Lindroos, J., Luntamo, T., Koskelainen, M., Ristkari, T., & Helenius, H. (2010). Psychosocial risk factors associated with cyberbullying among adolescents: A population-based study. *Archives of General Psychiatry*, 67(7), 720-728. <https://doi.org/10.1001/archgenpsychiatry.2010.79>

O DIGITAL COMO FERRAMENTA DA PRÁTICA DA ENFERMAGEM PEDIÁTRICA: UM PROJETO DE MELHORIA CONTÍNUA

Martins, M. P., Tojal, A. M., Pinto, M., Pinto, T., & Condeço, L. M. (agosto, 2023). O digital como ferramenta da prática da enfermagem pediátrica: um projeto de melhoria contínua. In Congresso Internacional: A Criança no Mundo! Hoje e Amanhã (pp. 33-33). Viseu, Portugal: Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Saúde.

Maria Patrocínio Martins¹
Ana Margarida Tojal¹
Micaela Pinto¹
Teresa Pinto¹
Luís Miguel Condeço²

¹Centro Hospitalar Tondela Viseu

²Escola Superior de Saúde de Viseu – IPV/CIIS – UCP

Introdução: A cirurgia de ambulatório é a intervenção cirúrgica programada que permite um internamento inferior a 24 horas. Mesmo sendo um internamento curto, provoca ansiedade na criança. Ter informação disponível nos meios digitais permite à criança/família a sua consulta em qualquer momento e instrui para a diminuição da ansiedade e melhoria do controle da dor no pós-operatório. A saúde digital ou o eSaúde refere-se ao uso das tecnologias de informação e comunicação no setor da saúde para dotá-lo com recursos inovadores, que permitem igualmente uma gestão mais eficiente dos cuidados de enfermagem.

Segundo a OMS a tecnologia aplicada à saúde é a aplicação de conhecimentos e de dispositivos, medicamentos, vacinas, procedimentos e sistemas desenvolvidos para resolver problemas de saúde e melhorar a qualidade de vida.

Objetivo: Divulgar o ambulatório cirúrgico pediátrico do Centro Hospitalar Tondela-Viseu EPE, através de meios digitais, para a população alvo dos cuidados de enfermagem Pediátrica e avaliar o grau de satisfação com os cuidados de enfermagem.

Métodos: Descrição na página da internet do Serviço de Pediatria do Centro Hospitalar Tondela Viseu, de toda a informação referente ao ambulatório cirúrgico, complementada com a visualização de um filme explicativo dos procedimentos pré-operatórios e disponibilização através de um link, de questionário de satisfação.

Conclusões: O fácil acesso à informação, permite a diminuição da ansiedade quer da criança quer da família, tendo em conta a sua faixa etária o que permite um internamento sem medos e contribuiu para a diminuição da dor no pós-operatório. Avaliar a satisfação, permite adequar a prática às reais necessidades das crianças e famílias.

Palavras Chave: Ambulatório Hospitalar; Cirurgia; Pediatria; Enfermagem Pediátrica; Estratégias de eSaúde

Keywords: Outpatient Clinics, Hospital; Surgery; Pediatrics; Pediatric Nursing; eHealth Strategies

Bibliografia

- Chung, F. (1993). Are discharge criteria changing? *Journal of Clinical Anesthesia*, 5(6 Suppl 1), 64–68. [https://doi.org/10.1016/0952-8180\(93\)90011-3](https://doi.org/10.1016/0952-8180(93)90011-3)
- Chung, F. (1995). Discharge criteria – a new trend. *Canadian Journal of Anesthesia*, 42, 1056-1058. <https://doi.org/10.1007/bf03011083>
- Moncel, J., Nardi, N., Wodey, E., Pouvreau, A. & Ecoffey, C. (2015). Evaluation of the pediatric post anesthesia discharge [versão electrónica]. *Pediatric Anesthesia*, 25, 636-641. <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/pan.12612>
- Martins, M. P. (2019). Identificar práticas de enfermagem de qualidade no ambulatório de pediatria: estudo da revisão sistemática da literatura [Tese de Mestrado não publicado]. Escola Superior de Saúde de Viseu.
- Martins, M., Aparício, G., Bica, I. (2020). Identificar práticas de enfermagem de qualidade no ambulatório de pediatria: revisão sistemática da literatura [versão electrónica]. *Supl. Digital Revista ROL Enfermería*, 43(1), 90-96. https://e-rol.es/wp-content/uploads/2021/01/IC_RESEARCH_INNOVATION_DEVELOPMENT_NURSING-2019.pdf

ESCALA DE AVALIAÇÃO DE POSICIONAMENTO PARA A MELHORIA DA QUALIDADE DE CUIDADOS NAS UNIDADES DE CUIDADOS INTENSIVOS NEONATAIS: UMA SCOPING REVIEW

Gonçalves, P., & Aparício, G. (agosto, 2023).

Escala de avaliação de posicionamento para a melhoria da qualidade de cuidados nas Unidades de Cuidados Intensivos Neonatais: uma scoping review.

In Congresso Internacional: A Criança no Mundo! Hoje e Amanhã (pp. 34-35).

Viseu, Portugal: Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Saúde.

*Patrick Gonçalves¹
Graça Aparício²*

¹Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra

²Health Sciences Research Unit: Nursing (UICISA: E), Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Viseu

Introdução: As práticas de enfermagem devem ser suportadas pela qualidade e evidencia científica, onde a utilização de ferramentas científicas se torna fundamental. A Escala de Avaliação do posicionamento do Recém-Nascido (IPAT) surge nesta sequência, por se verificar uma inconsistência e subjetividade desta intervenção por parte dos enfermeiros, dado que não utilizam uma ferramenta que permita uniformizar as práticas e que sirva ainda de instrumento educacional junto das equipas.

Objetivos: Identificar (mapear) os benefícios para a prática de Enfermagem da utilização da escala de posicionamento de RNP internados em UCIN.

Metodologia: Scoping Review baseada na metodologia proposta pelo Joanna Briggs Institute. A pesquisa, realizada nas bases de dados CINAHL®, PubMed®, B-On; Scielo; Pedro e Cochrane®, de estudos publicados entre 2010 e 2021 nos idiomas Português, Inglês e Espanhol, permitiu incluir 4 artigos, com base em critérios de inclusão previamente definidos.

Resultados: As competências de enfermeiro especialista são fundamentais para a melhoria de cuidados nas equipas. Os estudos evidenciam que a escala IPAT é uma ferramenta importante para uniformização das práticas e uma ferramenta essencial para a prestação de cuidados de qualidade, nomeadamente no posicionamento terapêutico do RNP, mas que necessita ser suportada com formação das equipas de Enfermagem das UCIN para resultados mais consistentes.

Conclusão: O estudo permitiu responder à questão de partida, prevendo-se que esta revisão scoping constitua um ponto de partida para a realização de estudos primários em Portugal, no âmbito das práticas de posicionamento, que contribuam para a otimização desta prática clínica, mas também para a investigação em enfermagem.

Palavras Chave: Posicionamento; Recém-nascido; UCIN; IPAT; Qualidade dos Cuidados de Saúde

Keywords: Positioning; Newborn; NICU; IPAT; Quality of Health Care

Bibliografia

- Altimier, L., & Phillips, R. (2016). The neonatal integrative developmental care model: Advanced clinical applications of the seven core measures for neuroprotective family-centered developmental care. *Newborn & Infant Nursing Reviews*, 16(4), 230–244. <https://doi.org/10.1053/j.nainr.2016.09.030>
- Coughlin, M., Lohman, M. B., & Gibbins, S. (2010). Reliability and effectiveness of an infant positioning assessment tool to standardize developmentally supportive positioning practices in the neonatal intensive care unit. *Newborn & Infant Nursing Reviews*, 10(2), 104–106. <https://doi.org/10.1053/j.nainr.2010.03.003>
- Cruz, I. R. (2018). O cuidado para o desenvolvimento em neonatologia: Posicionar para melhor cuidar [Relatório de mestrado, Escola Superior de Enfermagem de Lisboa]. Repositório Comum. <http://hdl.handle.net/10400.26/24659>
- Jeanson, E. (2013). One-to-one bedside nurse education as a means to improve positioning consistency. *Newborn & Infant Nursing Reviews*, 13(1), 27–30. <https://doi.org/10.1053/j.nainr.2012.12.004>
- Peters, M. D. J., Godfrey, C. M., Khalil, H., McInerney, P., Parker, D., & Soares, C. B. (2015). Guidance for conducting systematic scoping reviews. *International Journal of Evidence-Based Healthcare*, 13(3), 141-146. <https://doi.org/10.1097/XEB.0000000000000050>
- PHILIPS. (2014). Therapeutic Positioning in the NICU. [https://www.theonlinelearningcenter.com/scorm/module9936_5/story_content/external_files/WeeCare_C05_L02_Therapeutic Positioning in the NICU.pdf%0A](https://www.theonlinelearningcenter.com/scorm/module9936_5/story_content/external_files/WeeCare_C05_L02_Therapeutic%20Positioning%20in%20the%20NICU.pdf%0A) <https://www.philips.es/healthcare/solutions/mother-and-child-care/infant-positioning>

- Portugal, Regulamento nº 422/2018. (2018, Julho 12). Regulamento de competências específicas do enfermeiro especialista em enfermagem de saúde infantil e pediátrica. *Diário da República*, 2(133), 19192–19194. <https://www.ordemenfermeiros.pt/media/8349/1919219194.pdf>
- Spilker, A., Hill, C., & Rosenblum, R. (2016). The effectiveness of a standardised positioning tool and bedside education on the developmental positioning proficiency of NICU nurses. *Intensive and Critical Care Nursing*, 35, 10–15. <https://doi.org/10.1016/j.iccn.2016.01.004>
- Upadhyay, J., Singh, P., Digal, K. C., Shubham, S., Grover, R., & Basu, S. (2021). Developmentally supportive positioning policy for preterm low birth weight infants in a tertiary care neonatal Unit: A quality improvement initiative. *Indian Pediatrics*, 58(8), 733-736. <https://doi.org/10.1007/s13312-021-2281-8>

EFICÁCIA DA SACAROSE VERSUS ALEITAMENTO MATERNO NO ALÍVIO DA DOR NOS PROCEDIMENTOS INVASIVOS EM RECÉM-NASCIDOS

Correia, C., Tavares, J., Meireles, S., & Coutinho, E. (agosto, 2023).

Eficácia da sacarose versus aleitamento materno no alívio da dor nos procedimentos invasivos em recém-nascidos.

In Congresso Internacional: A Criança no Mundo! Hoje e Amanhã (pp. 36-36).

Viseu, Portugal: Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Saúde.

Carolina Correia¹

Joana Tavares¹

Sofia Meireles²

Emília Coutinho³

¹Serviço de Neonatologia, CHTMAD Vila Real

²Serviço de Urgência Pediátrica, ULS de Castelo Branco- Hospital Amato Lusitano

³Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Viseu. UICISA: E

Introdução: As medidas não farmacológicas são, usualmente, a primeira linha de atuação para a gestão da dor no recém-nascido (RN). A literatura atual recomenda o uso da sacarose identificando este método como eficaz no alívio da dor (Kumar et al.,2020). Contudo, o leite materno (LM) apresenta inúmeros benefícios, nomeadamente no alívio e controlo da dor, promovendo desta forma um maior conforto ao RN submetido a procedimentos dolorosos (Chang et al.,2020).

Objetivo: Comparar a eficácia do uso da sacarose com o aleitamento materno no alívio da dor nos procedimentos invasivos em RN.

Métodos: Revisão de eficácia utilizando a metodologia proposta pela JBI, efetuada na CINAHL Complete, Scopus e MEDLINE Complete. Da pesquisa resultaram 1023 artigos que, pelos critérios definidos, se incluíram oito estudos. Dois revisores independentes realizam a avaliação crítica, extração e síntese dos dados.

Resultados: Dos estudos incluídos, oito estudos randomizados controlados, todos os autores salientam o LM como um método eficaz e de fácil acesso, no alívio da dor em RN submetidos a procedimentos dolorosos, como a punção do calcâneo (Chang et al.,2020; Benoit et al.,2021; Bresesti et al.,2021), Retinopatia da Prematuridade (Jang et al.,2019; Nayal et al.,2020) e vacinação (Gajbhiye et al.,2018).

Conclusões: As estratégias não farmacológicas utilizadas em RN sujeitos a procedimentos invasivos são fulcrais no alívio e controlo da dor. Os estudos consultados evidenciam a eficácia da sacarose e do aleitamento materno como métodos analgésicos, destacando-se o LM como um método seguro, eficaz, sem custos e facilmente disponível, comparativamente com a sacarose, que tem custos médicos associados.

Palavras Chave: Recém-nascido; Sacarose; Aleitamento materno; Dor; Procedimentos invasivos

Keywords: Newborn; Sucrose; Breastfeeding; Pain; Invasive procedures

Bibliografia

- Benoit, B., Newman, A., Martin-Misener, R., Latimer, M., & Campbell-Yeo, M. (2021). The influence of breastfeeding on cortical and behavioural indicators of procedural pain in newborns: Findings of a randomized controlled trial. *Early Human Development*, 154, 105308. <https://doi.org/10.1016/j.earlhumdev.2021.105308>
- Bresesti, I., Vanzù, G., Redaelli, F., Daniele, I., Zuccotti, G. V., Cerritelli, F., Lista, G., & Fabiano, V. (2021). New perspective for pain control in neonates: A comparative effectiveness research. *Journal of Perinatology*, 41(9), 2298-2303. <https://doi.org/10.1038/s41372-021-01025-6>
- Chang, J., Filoteo, L., & Nasr, A. S. (2020). Comparing the analgesic effects of 4 nonpharmacologic interventions on term newborns undergoing heel lance: A randomized controlled trial. *The Journal of Perinatal & Neonatal Nursing*, 34(4), 338-345. <https://doi.org/10.1097/JPN.0000000000000495>
- Gajbhiye, M., Rao, S. K., & Singh, H. P. (2018). Comparative study between analgesic effect of breast feeding and oral sucrose in full term newborns. *Journal of Clinical & Diagnostic Research*, 12(12), SC9-SC12. <https://doi:10.7860/JCDR/2018/37721.12331>
- Jang, E. K., Lee, H., Jo, K. S., Lee, S. M., Seo, H. J., & Huh, E. J. (2019). Comparison of the pain-relieving effects of human milk, sucrose, and distilled water during examinations for retinopathy of prematurity: A randomized controlled trial. *Child Health Nursing Research*, 25(3), 255-261. <https://doi.org/10.4094/chnr.2019.25.3.255>
- Kumar, P., Sharma, R., Rathour, S., Karol, S., & Karol, M. (2020). Effectiveness of various nonpharmacological analgesic methods in newborns. *Clinical and Experimental Pediatrics*, 63(1), 25-29. <https://doi.org/10.3345/kjp.2017.05841>
- Nayak, R., Nagaraj, K. N., & Gururaj, G. (2020). Prevention of pain during screening for retinopathy of prematurity: A randomized control trial comparing breast milk, 10% dextrose and sterile water. *The Indian Journal of Pediatrics*, 87, 353-358. <https://doi.org/10.1007/s12098-020-03182-6>
- Rioualen, S., Durier, V., Hervé, D., Misery, L., Sizun, J., & Roué, J. M. (2018). Cortical pain response of newborn infants to venepuncture. *The Clinical Journal of Pain*, 34(7), 650-656. <https://doi.org/10.1097/AJP.0000000000000581>





03

COMUNICAÇÕES
EM PÓSTER



CONSULTA DE ENFERMAGEM A CRIANÇAS E JOVENS COM NECESSIDADES DE SAÚDE ESPECIAIS: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Coutinho, C., Monteiro, V., Alves, C., Madureira, J., & Correia, C. (agosto, 2023).
Consulta de enfermagem a crianças e jovens com necessidades de saúde especiais: relato de experiência.
In Congresso Internacional: A Criança no Mundo! Hoje e Amanhã (pp. 40-40).
Viseu, Portugal: Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Saúde.

Cristina Coutinho¹
Vanessa Monteiro¹
Carlos Alves²
Jóni Madureira¹
Carolina Correia³

¹UCC Vila Real 1, ACeS DOURO I – Marão e Douro Norte / Centro Académico Clínico de Trás-os-Montes e Alto Douro

²UCC Vila Real 1, ACeS DOURO I – Marão e Douro Norte

³Serviço de Neonatologia, CHTMAD Vila Real

Introdução: O indicador 283 designa a proporção das crianças e jovens com Necessidades de Saúde Especiais (NSE) que foram alvo de intervenção em consulta de enfermagem no âmbito do Programa Nacional de Saúde Escolar (MS-DGS, 2015).

Objetivo: Relatar a experiência das consultas de enfermagem realizadas a crianças e jovens com NSE, no âmbito do indicador de contratualização 283.

Métodos: Estudo descritivo, tipo relato de experiência referente ao acompanhamento de crianças e jovens com NSE pela Equipa de Enfermagem de Saúde Escolar (EESE). Foram identificadas 74 crianças, através das listagens fornecidas pelo MIM@UF.

Descrição da experiência: Foi elaborado e aprovado um procedimento no âmbito do acompanhamento das crianças e jovens com NSE, que consiste em identificar as crianças e jovens, com base nas listagens do aplicativo MIM@UF. Os Encarregados de Educação (EE) foram contactados via telefónica, para agendar consulta de Enfermagem, pelo Secretariado Clínico. Na consulta apresentam-se os objetivos aos EE e à criança ou jovem, é assinado o consentimento informado, livre e esclarecido. Aplica-se o guião de entrevista semi-estruturada, elaborado para o efeito. Documenta-se a intervenção em enfermagem de saúde escolar no S-Clínico e articula-se com os recursos da comunidade, de acordo com as necessidades identificadas.

Conclusão: A EESE considera positiva a implementação do procedimento, com recurso a entrevista semi-estruturada, como linha orientadora das consultas de enfermagem a crianças e jovens com NSE, possibilitando sistematizar e uniformizar a intervenção pela EESE. Constatamos ainda que na generalidade das consultas de enfermagem, as crianças e jovens com NSE tem um acompanhamento de saúde adequado.

Palavras Chave: Consulta de Enfermagem; Promoção da Saúde em meio escolar; Determinação das Necessidades de Saúde

Keywords: Office Nursings; School Health Promotion; Determination of Health Care Needs

Bibliografia

Portugal, Ministério da Saúde, Direção Geral da Saúde. (2015). Norma nº 015/2015 de 12/08/2015: Programa nacional de saúde escolar 2015. DGS. <http://www.dgs.pt/directrizes-da-dgs/normas-e-circulares-normativas/norma-n-0152015-de-12082015-pdf.aspx>

INTERVENÇÃO DA EQUIPA DE SAÚDE ESCOLAR EM CRIANÇAS E JOVENS COM NECESSIDADES DE SAÚDE ESPECIAIS

Coutinho, C., Correia, C., Monteiro, V., Alves, C., & Madureira, J. (agosto, 2023).
Intervenção da equipa de saúde escolar em crianças e jovens com necessidades de saúde especiais.
In Congresso Internacional: A Criança no Mundo! Hoje e Amanhã (pp. 41-41).
Viseu, Portugal: Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Saúde.

Cristina Coutinho¹
Carolina Correia²
Vanessa Monteiro¹
Carlos Alves³
Jóni Madureira¹

¹UCC Vila Real 1, ACeS DOURO I – Marão e Douro Norte / Centro Académico Clínico de Trás-os-Montes e Alto Douro

²Serviço de Neonatologia, CHTMAD Vila Real

³UCC Vila Real 1, ACeS DOURO I – Marão e Douro Norte

Introdução: A consulta de enfermagem realizada a crianças e jovens com Necessidades de Saúde Especiais (NSE) é fundamental na avaliação das condições de saúde no âmbito da Saúde Escolar, bem como na definição de linhas orientadoras de atuação de forma a valorizar a saúde e os métodos de ensino e aprendizagem da criança (MS-DGS, 2015).

Objetivo: Caracterizar as NSE das crianças acompanhadas pelos Enfermeiros da Equipa de Saúde Escolar (ESE) nas consultas de Enfermagem realizadas numa UCC da região Norte.

Métodos: Estudo descritivo, transversal e observacional. Decorreu de abril a maio de 2023. Aplicado procedimento da unidade e o consentimento informado livre e esclarecido. A colheita de dados realizou-se através de um questionário sob a forma de entrevista semi-estruturada. Os diagnósticos de enfermagem e respetivas intervenções foram documentados no aplicativo informático e elaborado o Plano de Saúde Individual (PSI) sempre que necessário.

Resultados: Foram acompanhadas 39 crianças em consulta correspondendo a 53% da população alvo. Identificaram-se várias NSE, como alteração nas funções mentais da linguagem, da atenção, na articulação da fala e das funções psicossociais globais. Destacam-se 46% das crianças com alterações nas funções mentais da linguagem. 92% dos Encarregados de Educação considerou ter um acompanhamento de saúde adequado.

Conclusões: A ESE considera que houve ganhos em saúde ao identificar as crianças/jovens e as suas NSE, permitindo identificar medidas de saúde de forma a melhorar o desempenho escolar, bem como informar sobre os recursos comunitários disponíveis.

Palavras Chave: Necessidades de saúde especiais; Saúde escolar; Enfermagem

Keywords: Special health needs; School health; Nursing

Bibliografia

Portugal, Ministério da Saúde, Direção Geral da Saúde. (2015). Norma nº 015/2015 de 12/08/2015: Programa nacional de saúde escolar 2015. DGS. <http://www.dgs.pt/directrizes-da-dgs/normas-e-circulares-normativas/norma-n-0152015-de-12082015-pdf.aspx>

CRIANÇAS E JOVENS COM NECESSIDADES DE SAÚDE ESPECIAIS: A REALIDADE DE UM AGRUPAMENTO DE ESCOLAS

Coutinho, C., & Rodrigues, D. (agosto, 2023).

Crianças e jovens com necessidades de saúde especiais: a realidade de um Agrupamento de Escolas.

In Congresso Internacional: A Criança no Mundo! Hoje e Amanhã (pp. 42-42).

Viseu, Portugal: Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Saúde.

Cristina Coutinho¹
Dalila Rodrigues²

¹ARS Norte/ACeS DOURO I – Marão e Douro Norte/UCC Vila Real 1

²ARS Norte/ACeS DOURO I – Marão e Douro Norte/UCC Alijó

Introdução: As necessidades de saúde especiais (NSE) são as que resultam de problemas de saúde com impacto na funcionalidade e necessidade de intervenção em meio escolar para proporcionar um melhor desenvolvimento e desempenho escolar das crianças e jovens.

Objetivo: Conhecer a realidade das NSE de um Agrupamento de Escolas de um concelho da região Norte.

Métodos: Estudo descritivo, transversal e quantitativo. A colheita de dados realizou-se com recurso a entrevista semidirigida no período de Outubro de 2022 a Março de 2023.

Resultados: Foram entrevistadas 35 crianças/jovens, com idades compreendidas entre os 4 e os 15 anos apresentando uma média de idades de 8,5 anos. Correspondem ao género masculino 54% e 46% ao género feminino. Identificaram-se várias NSE das quais ressaltam as alterações nas funções mentais da linguagem (48,6%), alterações do desenvolvimento psicomotor (17,1%), alterações das glândulas endócrinas (8,6%) e das funções do sistema imunológico (5,7%).

Conclusões: A Equipa de Saúde Escolar considera que houve ganhos em saúde ao identificar as NSE das crianças/jovens que frequentam este Agrupamento de Escolas. Salaria a importância de elaboração dos planos de saúde individuais no caso das crianças com alterações das glândulas endócrinas e das funções do sistema imunológico, bem como a capacitação da comunidade educativa nestas áreas. Considera ainda que deve refletir sobre a prevenção das alterações das funções mentais da linguagem e num futuro, articular esta intervenção com a comunidade educativa do Agrupamento de Escolas e com a Equipa de Saúde Familiar do concelho.

Palavras Chave: Necessidades de saúde especiais; Saúde escolar

Keywords: Special health needs; School health

Bibliografia

Portugal, Ministério da Saúde, Direção Geral de Saúde. (2015). Norma n.º 015/2015 de 12/08/2015: Programa Nacional de Saúde Escolar 2015. DGS. Acedido em <http://www.dgs.pt/directrizes-da-dgs/normas-e-circulares-normativas/norma-n-0152015-de-12082015-pdf.aspx>.

A IMPORTÂNCIA DAS SIMULAÇÕES PEDIÁTRICAS EM CONTEXTO DE EMERGÊNCIA

Magalhães, F. J. (agosto, 2023).

Tecnologia e inovação para o ensino: Um olhar junto ao recém-nascido e à criança.

In Congresso Internacional: A Criança no Mundo! Hoje e Amanhã (pp. 43-43).

Viseu, Portugal: Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Saúde.

Sérgio Vieira¹
Carla Silva¹

¹Escola Superior de Saúde de Viseu

Introdução: As simulações pediátricas proporcionam uma via formativa para a aquisição de competências necessárias para melhorar os cuidados pediátricos. Neste pressuposto, objetivou-se mapear evidências científicas sobre a importância das simulações pediátricas em contexto de emergência.

Métodos: Estudo de revisão da literatura com recurso a bases de dados (PubMed, EBSCOhost (CINAHL complete) e literatura cinzenta, tendo como descritores: “emergency treatment” OR “emergency medical services” OR emergency care AND simulations OR “Patient Simulation” OR “Simulation Training” AND “pediatrics” AND “care” AND “skills” AND “nurses”.

Resultados: A falta de treino em situações de urgência/emergência pode ser um obstáculo para uma assistência ideal nas dimensões do saber, fazer e querer-agir em contexto pediátrico. As evidências científicas centram-se principalmente no realismo dos simuladores e dos cenários, na satisfação com as experiências clínicas simuladas, na autoeficácia e na autoconfiança dos enfermeiros para enfrentar os contextos reais de emergência pediátrica. Um caso paradigmático é o do serviço de pediatria do Centro Hospitalar de Trás-os-Montes e Alto Douro (CHTMAD)- Unidade de Vila Real que, em 2013, iniciou um projeto de realização regular de simulações na sala de emergência a fim de fomentar a aquisição e retenção de conhecimentos e otimizar a competência dos profissionais de saúde nos cuidados prestados à criança gravemente doente, com resultados satisfatórios.

Conclusões: As simulações possibilitam-nos resgatar o raciocínio operativo durante a ação, sendo uma estratégia que possibilita o desenvolvimento da competência de avaliação e assistência de qualidade ao cliente pediátrico nas dimensões do saber, fazer

Palavras Chave: Formação em simulações; Emergência pediátrica; Cuidar; Enfermeiro

Keywords: Simulation training; Emergency care; Pediatrics care; Nurse

Bibliografia

Rissi, G. P., Shibukawa, B. M. C., Lima, M. F., & Higarashi, I. H. (2020). Clinical simulation of child emergency in the context of nursing professional training: Integrative review. *Research, Society and Development*, 9(7), e421974261. <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i7.4261>

MOCHILA AMIGA? - UM PROJETO DE EDUCAÇÃO PARA A SAÚDE EM MEIO ESCOLAR

Coutinho, C., & Rodrigues, D. (agosto, 2023).

Mochila amiga? – um projeto de educação para a saúde em meio escolar.

In Congresso Internacional: A Criança no Mundo! Hoje e Amanhã (pp. 44-44).

Viseu, Portugal: Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Saúde.

*Cristina Coutinho¹
Dalila Rodrigues²*

¹ARS Norte/ACeS DOURO I – Marão e Douro Norte/UCC Vila Real 1

²ARS Norte/ACeS DOURO I – Marão e Douro Norte/UCC Alijó

Introdução: A educação postural é área de intervenção das equipas de saúde escolar (ESE) (MS-DGS, 2015) no âmbito da promoção da saúde em contexto escolar. Considerando que “a carga não deve exceder 10% do peso corporal nos alunos do ensino básico” (Ribeiro et al., 2018), a ESE desenvolveu o projeto “Mochila amiga?”. Tem como objetivos avaliar o peso das mochilas dos alunos do 2º ciclo de um Agrupamento de Escolas, avaliar a relação entre o peso das mochilas escolares e o peso dos alunos e capacitar os alunos com hábitos posturais saudáveis.

Métodos: Estudo descritivo, transversal, de abordagem quantitativa. Decorreu em março de 2023. Foi desenvolvida uma atividade junto dos alunos, relacionada com o correto transporte da mochila escolar. Foram pesadas todas as mochilas e os respetivos alunos.

Resultados: Participaram do estudo 126 alunos. 51,6% são do género feminino e 48,4% do género masculino. Apresentam idades compreendidas entre os 10 e os 14 anos, e uma média de idades de 11,08 anos. O peso das mochilas escolares variou entre 1,1 Kg e 10,2 Kg, com uma média de 4,96 Kg. 69 alunos (54,8%) apresentavam uma mochila escolar com excesso de peso face ao seu peso corporal.

Conclusões: Tendo em conta que, cerca de 55% dos alunos apresentam excesso de peso na mochila, este projeto deve continuar a ser implementado. Contudo, será de perspetivar a sensibilização desta temática junto da comunidade docente e encarregados de educação, de modo a despertar consciências acerca de possíveis implicações futuras na saúde dos alunos.

Palavras Chave: Promoção da Saúde Escolar; Postura; Peso Corporal

Keywords: School Health Services; Posture; Body Weight

Bibliografia

Ribeiro, D., Santos, P. C., Simões, D., Venâncio, J., Firmino-Machado, J., Carvalhais, A., & Ferreira, M. (2018). Perfil comportamental dos estudantes do ensino básico relacionado com a mochila escolar. *Saúde & Tecnologia*, (19), 43-49. <https://doi.org/10.25758/set.2211>

Portugal, Ministério da Saúde, Direção Geral da Saúde. (2015). Norma nº 015/2015 de 12/08/2015: Programa nacional de saúde escolar 2015. DGS. <http://www.dgs.pt/directrizes-da-dgs/normas-e-circulares-normativas/norma-n-0152015-de-12082015-pdf.aspx>

O ADOLESCENTE NA URGÊNCIA PEDIÁTRICA PRÉ E PÓS PANDEMIA - O ADOLESCENTE ESTÁ MAIS DOENTE?

Rocha, C., Fonseca, C., Figueiredo, B., Sousa, V., & Ferreira, P. (agosto, 2023).

O adolescente na urgência pediátrica pré e pós pandemia- O adolescente está mais doente?.

In Congresso Internacional: A Criança no Mundo! Hoje e Amanhã (pp. 45-45).

Viseu, Portugal: Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Saúde.

*Cristina Rocha*¹

*Carla Fonseca*¹

*Beatriz Figueiredo*¹

*Vera Sousa*¹

*Paula Ferreira*¹

¹Centro Hospitalar Tondela Viseu

Introdução: A pandemia Covid-19 teve impacto na vida de todos. Os adolescentes experienciaram mudanças radicais, com impacto na sua saúde mental. Estudos indicam que a Covid19 afetou a nível global a utilização dos cuidados de saúde e consequentemente as admissões nas urgências hospitalares. O objetivo do estudo foi determinar o número de episódios de Urgência Pediátrica no CHTV dos adolescentes no pré e pós pandemia, identificando as admissões de causas comportamentais e psicossociais.

Métodos: Estudo retrospectivo, exploratório/descritivo dos episódios de admissões ao SUP-CHTV de adolescentes na faixa etária dos 11-17anos de ambos os géneros nos anos 2019 e 2021. Recolha de dados por consulta dos episódios no sistema informático.

Resultados: Foram analisados um total de 14570 episódios, 8473 no ano2019 versus 6097 no ano2021, na faixa etária dos 11aos17anos em ambos os géneros, verificando-se diminuição do número de admissões à Urgência Pediátrica em 2021. Nos diagnósticos de alta, a doença médica e trauma foram os que tiveram maior percentagem de episódios de admissão, no entanto, as alterações psicossociais tiveram um aumento de 50% no ano 2021. Os diagnósticos de alta mais comuns de alterações comportamentais psicossociais foram ansiedade, síndrome depressivo, alterações de comportamento e ideação suicida/intoxicação medicamentosa voluntária.A fase de adolescência com maior incidência de episódios de ansiedade foi dos 11aos13anos, comparativamente aos16-17anos e a ideação suicida duplicou entre os 11-13anos.

Conclusões: A pandemia Covid-19 levou á diminuição de admissões na Urgência Pediátrica, contudo verificou-se um aumento de diagnósticos clínicos de alterações comportamentais psicossociais.

Palavras Chave: Covid-19; Urgência Pediátrica; Adolescência; Saúde Mental

Keywords: Covid-19; Pediatric Emergency; Adolescence; Mental Health

Bibliografia

- Chen, X., Qi, H., Liu, R., Feng, Y., Li, W., Xiang, M., Cheung, T., Jackson, T., Wang, G., & Xiang, Y. T. (2021). Depression, anxiety and associated factors among Chinese adolescents during the COVID-19 outbreak: a comparison of two cross-sectional studies. *Translational psychiatry*, 11(1), 148.
- Courtney, D., Watson, P., Battaglia, M., Mulsant, B. H., & Szatmari, P. (2020). COVID-19 Impacts on Child and Youth Anxiety and Depression: Challenges and Opportunities. *The Canadian Journal of Psychiatry*, 65 (10), 688-691. <https://doi.org/10.1177/0706743720935646>.
- Danese, A., & Smith, P. (2020). Debate: Recognising and responding to the mental health needs of young people in the era of COVID-19. *Child and adolescent mental health*, 25(3), 169–170. <https://doi.org/10.1111/camh.12414>.
- Wang G, Zhang Y, Zhao J, Zhang J, Jiang F. (2020). Mitigate the effects of home confinement on children during the COVID-19 outbreak. *Lancet*, 395(10228), 945-7. DOI: [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)30547-X](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)30547-X).
- World Health Organization, WHO (2017). *Depression and Other Common Mental Disorders: Global Health. Estimates*. Geneva: World Health Organization; Licence: CC BY-NC-SA 3.0 IGO. <http://apps.who.int/bookorders>.

PREVALÊNCIA DA OBESIDADE INFANTIL

Viana, C. (agosto, 2023).

Prevalência da obesidade infantil.

In Congresso Internacional: A Criança no Mundo! Hoje e Amanhã (pp. 46-46).

Viseu, Portugal: Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Saúde.

Cláudia Viana¹

¹ARS Centro – ACeS Dão Lafões

Introdução: A obesidade é definida pela OMS como uma doença em que o excesso de gordura corporal acumulada pode atingir graus capazes de afetar a saúde, representando um dos maiores desafios do século XXI (WHO, 2000). Em 2019, cerca de 29,6% e 12% das crianças portuguesas apresentavam excesso de peso e obesidade respetivamente (Rito et al, 2021). Neste âmbito, realizou-se um estudo a 85 crianças, com idades compreendidas entre os 6 e os 11 anos de idade, que frequentam quatro escolas do 1º ciclo, de um Agrupamento de Escolas da Região Centro do país, no ano letivo 2022-2023. Pretendeu-se determinar a prevalência de excesso de peso e obesidade nestas crianças.

Metodologia: Avaliação antropométrica. Determinação do IMC percentilado com recurso a tabelas de percentis nacionais.

Resultados: Das 85 crianças do primeiro ciclo avaliadas 9 (10,59%) apresentam baixo peso, 9 (10,59%) apresentaram excesso de peso, 10 (11,79%) obesidade e 57 (67,06%) peso normal para a idade. Das crianças com excesso de peso e obesidade 73,68% são rapazes e 26,32% raparigas.

Conclusão: O excesso de peso e a obesidade acomete 22,38% das crianças avaliadas, sendo maior nos rapazes do que nas raparigas, corroborando os dados do estudo COSI Portugal 2019. É importante implementar projetos de intervenção comunitária que permitam a melhoria de conhecimentos e incentivem as crianças a uma alimentação saudável e à prática regular de exercício físico.

Palavras Chave: Prevalência; Obesidade; Infantil

Keywords: Prevalence; Obesity; Childish

Bibliografia

- Rito, A., Mendes, S., Baleia, J., & Gregório, M. J. (2021). Childhood obesity surveillance initiative: COSI Portugal 2019. Instituto Nacional de Saúde Doutor Ricardo Jorge, IP. http://repositorio.insa.pt/bitstream/10400.18/7783/1/COSI_Portugal_2019_out2021.pdf
- World Health Organization. (2000). Obesity: Preventing and managing the global epidemic: Report of a WHO consultation. WHO. <https://apps.who.int/iris/handle/10665/42330>

PRIMEIROS SOCORROS EM PEDIATRIA: CAPACITAÇÃO DA COMUNIDADE ESCOLAR

Gonçalo, R., & Aparício, G. (agosto, 2023).

Primeiros socorros em pediatria: capacitação da comunidade escolar.

In Congresso Internacional: A Criança no Mundo! Hoje e Amanhã (pp. 47-47).

Viseu, Portugal: Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Saúde.

*Rosa Gonçalo¹
Graça Aparício²*

¹Centro Hospitalar Tondela-Viseu

²Health Sciences Research Unit: Nursing (UICISA: E); Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Viseu

Introdução: Os acidentes na infância, ocorrem principalmente no ambiente doméstico e escolar, sendo as quedas e queimaduras prevalentes dos 0-4 anos. Para além da prevenção, é crucial investir na formação dos cuidadores de crianças para prestar primeiros socorros (PS) adequados. Sustentado por esta problemática, surgiu o presente trabalho, cujo principal objetivo visa: contribuir para a capacitação da comunidade educativa na prestação de PS.

Métodos: Estudo quantitativo, longitudinal, painel de curta duração, do tipo antes e depois. Amostra não probabilística, constituída por 50 cuidadores de crianças pré-escolares. Dados obtidos através de aplicação de questionário (ad hoc): caracterização sociodemográfica e avaliação de conhecimentos, antes e depois da intervenção. Análise efetuada através da obtenção do percentual de acertos para cada questão, nos dois momentos de avaliação. Aplicação teste de McNemar e adotado nível de significância $p < 0,05$.

Resultados: Dos resultados apurados, realça-se a abordagem das convulsões, traumatismos, engasgamentos e material da mala de PS, com melhoria estatisticamente significativa, após a formação ($p \leq 0,01$). Os dados obtidos alinham-se com os de estudos similares, nomeadamente nos (pre)conceitos inerentes a alguns temas e importância da formação adequada em PS; sustentando a sua pertinência e contributo na capacitação da comunidade educativa.

Conclusões: Considerando a prevalência de acidentes, as características específicas das crianças e a falta de conhecimentos da comunidade educativa no âmbito de PS, é crucial que os gestores e ministérios incentivem e promovam projetos de capacitação nesta temática, sugerindo-se a sua inclusão no plano curricular da formação em educação escolar.

Palavras Chave: Primeiros Socorros; Crianças; Capacitação; Comunidade Educativa

Keywords: First Aid; Children; Empowerment; Educational Community

Bibliografia

- Cunha, M. W. N., Santos, M. S., Albuquerque, D. D. T. M., Farre, A. G. M. C., & Santana, I. T. S. (2021) Conhecimentos de funcionários de creches sobre primeiros socorros com crianças antes e após treinamento ativo. *Ciênc Cuid. Saúde*, 20, e54591-e54591. <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1339616>
- Portugal, Ministério da Saúde, Direção Geral da Saúde. (2015). Norma nº 015/2015 de 12/08/2015: Programa nacional de saúde escolar 2015. DGS. <https://www.dgs.pt/directrizes-da-dgs/normas-e-circulares-normativas/norma-n-0152015-de-12082015-pdf.aspx>
- Portugal, Ministério da Saúde, Instituto Nacional de Saúde Doutor Ricardo Jorge. (2020a). Infográfico: Acidentes domésticos e de lazer: Mecanismos de lesão. INSA. [https://www.insa.min-saude.pt/infografico-insa-acidentes-domesticos-e-de-lazer-%E2%94%80-mecanismos-de-lesao/Instituto Nacional de Saúde Doutor Ricardo Jorge \(INSA\) Portugal, Ministério da Saúde, Instituto Nacional de Saúde Doutor Ricardo Jorge. \(2020b\). Infográfico: Acidentes domésticos e de lazer. INSA. https://www.insa.min-saude.pt/infografico-insa-%e2%94%80-acidentes-domesticos-e-de-lazer/](https://www.insa.min-saude.pt/infografico-insa-acidentes-domesticos-e-de-lazer-%E2%94%80-mecanismos-de-lesao/Instituto Nacional de Saúde Doutor Ricardo Jorge (INSA) Portugal, Ministério da Saúde, Instituto Nacional de Saúde Doutor Ricardo Jorge. (2020b). Infográfico: Acidentes domésticos e de lazer. INSA. https://www.insa.min-saude.pt/infografico-insa-%e2%94%80-acidentes-domesticos-e-de-lazer/)
- Portugal, Ministério da Saúde, Instituto Nacional de Saúde Doutor Ricardo Jorge. (2021). Infográfico: Acidentes domésticos e de lazer: Queimaduras (0-18 anos). INSA. <https://www.insa.min-saude.pt/infografico-insa-acidentes-domesticos-e-de-lazer-queimaduras-0-18-anos/>
- Souza, M. F., Divino, A. B., Souza, D. A. S., Cunha, S. G. S., & Almeida, C. S. (2020). Conhecimento dos educadores dos centros municipais de educação infantil sobre primeiros socorros. *Nursing (Edição Brasileira)*, 23(268), 4624-4629. <https://doi.org/10.36489/nursing.2020v23i268p4624-4635>

VIVÊNCIAS DE UMA MÃE DE UM NEONATO COM SÍNDROME DE PIERRE ROBIN

Albuquerque, D. (agosto, 2023).

Vivências de uma mãe de um neonato com Síndrome de Pierre Robin.

In Congresso Internacional: A Criança no Mundo! Hoje e Amanhã (pp. 48-48).

Viseu, Portugal: Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Saúde.

*Diana Albuquerque*¹

¹Centro Hospitalar Tondela-Viseu

Introdução: A Síndrome de Pierre Robin (SPR) é uma doença congénita rara que pode causar dificuldades respiratórias e alimentares em neonatos, levando a ansiedade e stress nas mães. O objetivo deste estudo é explorar as vivências de uma mãe de um neonato com SPR numa Unidade de Cuidados Neonatais (UCN).

Métodos: Estudo de caso, através de uma entrevista semiestruturada à mãe de um neonato com SPR, 6 meses após internamento numa UCN de um hospital de apoio perinatal da região centro. Foi convidada a partilhar os seus sentimentos e experiências na UCN. O neonato apresentava fenda no palato mole, retrognatismo e microglossia, levando a dificuldades alimentares com agravamento do esforço respiratório.

Resultados: Destacaram-se três temas: perda do bebé imaginado, dificuldade no papel parental, como falta de autonomia nos cuidados e incapacidade de alimentar o bebé, que provocava stress e ansiedade, e o papel dos enfermeiros na unidade, que informavam, envolviam nos cuidados e prestavam apoio emocional, dando mais confiança e perceção de controlo.

Conclusões: O apoio emocional e o fornecimento de informação são essenciais para promover a perceção de autoeficácia parental e um estado emocional positivo na mãe de neonato com SPR. O enfermeiro especialista em saúde infantil e pediátrica tem uma posição privilegiada de proximidade ao binómio mãe-bebé. Faz parte das suas competências responder às doenças raras com cuidados de enfermagem apropriados, e promover a adaptação do binómio à situação de especial complexidade. Propõe-se mais investigação para conhecer e sistematizar as melhores intervenções para apoiar mães em situações semelhantes.

Palavras Chave: Síndrome de Pierre Robin; Recém-Nascido; Mães, Enfermagem Pediátrica; Unidades de Cuidados Intensivos Neonatais

Keywords: Pierre Robin Syndrome; Newborn; Mothers; Pediatric Nursing; Neonatal Intensive Care Unit

Bibliografia

- Hamilton, S., Dzioba, A., & Husein, M. (2020). A retrospective study of patients with Robin sequence: Patient characteristics and their impact on clinical outcomes. *International Journal of Pediatric Otorhinolaryngology*, 129, 109769. <https://doi.org/10.1016/j.ijporl.2019.109769>
- Ordem dos Enfermeiros. (2010). Regulamento das competências específicas do enfermeiro especialista em enfermagem de saúde da criança e do jovem. OE. https://www.ordemenfermeiros.pt/media/4902/regulamentocompetenciarian%C3%A7ajov_aprovadoag_20nov2010.pdf
- Ottosen, M. J., Engbretson, J., Etchegaray, J., Arnold, C., & Thomas, E. J. (2019). An ethnography of parents' perceptions of patient safety in the neonatal intensive care unit. *Advances in Neonatal Care*, 19(6), 500-5008. <https://doi.org/10.1097/anc.0000000000000657>
- Skirko, J. R., Pollard, S. H., Slager, S., Hung, M., & Weir, C. (2020). Family experience with Pierre Robin sequence: A qualitative study. *The Cleft Palate-Craniofacial Journal*, 57(6), 736-745. <https://doi.org/10.1177/1055665620910331>

PREVENÇÃO DE QUEDAS

Martins, B., Gama, C., Mansinho, F., Gomes, L., Cordeiro, M., Monteiro, R., & Almeida, S. (agosto, 2023).

Prevenção de quedas.

In Congresso Internacional: A Criança no Mundo! Hoje e Amanhã (pp. 49-49).

Viseu, Portugal: Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Saúde.

Bruno Martins¹

Cláudia Gama¹

Fátima Mansinho¹

Lara Gomes¹

Manuel Cordeiro²

Rui Monteiro¹

Sónia Almeida³

¹ESSV/IPV, UniCISE

²ESSV/IPV, UniCISE, UICISA:E

³Centro Hospitalar Tondela-Viseu

Introdução: A promoção de um ambiente seguro na criança e no jovem hospitalizados é uma das preocupações do enfermeiro, sendo a prevenção de quedas em ambiente hospitalar um aspeto importante da mesma.

A cada dia que passa 9 crianças sofrem uma queda com consequências graves, estas acontecem em qualquer idade, hora e lugar.

Objetivo: Identificar os fatores de risco que propiciam a queda da criança durante a sua permanência hospitalar e capacitar os cuidadores para a prevenção de quedas.

Métodos: Realizou-se uma revisão integrativa da literatura em base de dados disponíveis na plataforma MEDLINE, SciELO e RCAAAP, utilizando-se os descritores “quedas” “crianças” e “prevenção”. Definiram-se como critérios de inclusão artigos em português, inglês e espanhol em acesso livre e publicados desde 2005. Integram o corpus documental 4 artigos de investigação primária tendo por base a implementação de intervenções com impacto na prevenção de quedas no serviço de UP do CHTV.

Resultados: Existem vários fatores que propiciam o aumento do risco de queda, nomeadamente em contexto hospitalar como a idade, o estar em um ambiente desconhecido e a curiosidade em descobrir, a dificuldade em identificar os perigos, a utilização de medicação com potencial de alterar o estado de consciência e a utilização de meios auxiliares de marcha ou de outros equipamentos necessários durante a hospitalização.

Conclusões: É possível afirmar que a identificação da criança com risco de queda é uma das medidas a ter em atenção, porém, a educação da criança e da família é outra das intervenções de realce na literatura. A criança e a família devem ser informadas do risco de quedas e educadas com vista à adoção de medidas preventivas, sendo que para isso devem ser utilizadas várias metodologias de transmissão de informação e não apenas a verbal. Assim, procedeu-se à elaboração de um panfleto para crianças/acompanhantes sobre os fatores de risco e as medidas preventivas, no sentido de os capacitar com vista à diminuição do número de quedas em contexto hospitalar, com tendência para zero, seguindo uma política de informação e ensinamentos que visa uma parceria de cuidados cada vez mais eficazes e eficientes.

Palavras Chave: Quedas; Fatores de Risco; Prevenção; Responsabilidade

Keywords: Falls; Risk Factors; Prevention; Responsibility

Bibliografia

Antunes, A. L. R., Carvalho, J. A. C. M., Rocha, S. C. M. L., Andrade, S. C. O. S., Serrano, C. M. T. C., Sousa, P. C. M. M., & Sousa, P. (2017). Construção do instrumento de avaliação do risco de queda da criança hospitalizada: “Sempre em pé”. *Revista Sinais Vitais*, 125, 32-43. <http://www.sinaisvitais.pt/images/stories/revista/RSV125.pdf>

Pereira, R. (2014). Queda em pediatria: Um desafio para a equipe multidisciplinar. *Blucher Medical Proceedings*, 4(1), 46-52. <https://www.proceedings.blucher.com.br/article-details/queda-em-pediatria-um-desafio-para-a-equipe-multidisciplinar-11177>

Rebouças, G.F., Primo, C.C., Freitas, P.S.S., Nunes, E. M.G.T., Quitério, M.M.S.L., & Lima, E.F.A. (2022). Gestão de riscos: implantação de protocolo clínico de prevenção e manejo de quedas pediátricas. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 43 (esp). <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2022.20220050.pt>

Brás, A.M.R., Quitério, M.M.S.L., & Nunes, E.M.G.T. (2020). Intervenção do enfermeiro na prevenção de quedas na criança hospitalizada: scoping review. *Revista Brasileira de Enfermagem REBEn*, 73 (suppl 6). <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2019-0409>

ALEITAMENTO MATERNO ATÉ AO 3º ANO DE VIDA

Esteves, C., Seixas, C., Figueiredo, M., & Bica, I. (agosto, 2023).

Aleitamento materno até ao 3º ano de vida.

In Congresso Internacional: A Criança no Mundo! Hoje e Amanhã (pp. 50-50).

Viseu, Portugal: Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Saúde.

Cláudia Esteves¹

Cristina Seixas¹

Madalena Figueiredo¹

Isabel Bica²

¹USF Grão Vasco

²ESSV/IPV/CINTESIS@RISE/UICISA: E

Introdução: O aleitamento materno consiste no meio mais adequado de proporcionar alimento e proteção à criança, para além de outras vantagens e benefícios, e promove o estabelecimento do vínculo afetivo da díade mãe/filho. Em Portugal, todavia, continuam a registar-se taxas de prevalência de aleitamento materno inferiores às recomendações mundiais. No presente estudo pretende-se averiguar a prevalência do aleitamento materno até ao 3º ano de vida.

Métodos: Estudo quantitativo, transversal, descritivo e analítico, numa amostra por conveniência de 83 mães de crianças até aos três anos de idade (exclusive) que fazem Vigilância de Saúde Infantil numa USF da região centro. Os dados foram recolhidos através de um questionário realizado ad hoc, com base na revisão da literatura.

Resultados: A maioria das participantes residia na zona urbana, tem companheiro e frequentou as aulas de preparação para o parto. O seu bebé foi colocado à mama na primeira hora de vida, esteve junto deste nas primeiras 24 horas. Amamentou até aos 6 meses, exclusivamente, com leite materno. A influência dos familiares em relação ao aleitamento foi positiva, a maioria das mulheres recebeu visita domiciliária pela equipa de enfermagem durante os primeiros 15 dias de vida do bebé, considerando-a importante. Contudo, foram as aulas de preparação para o parto que se revelaram como fator preditor de aleitamento materno.

Conclusões: Os resultados revelaram que existe uma maior possibilidade de aleitamento materno em mulheres que frequentam a preparação para o parto. O que leva a sugerir que os Enfermeiros Especialistas de SIP devam continuar a promover a amamentação nos diferentes contextos.

Palavras Chave: Aleitamento materno; Prevalência; Criança; Percepção

Keywords: Breastfeeding; Prevalence; Child; Perception

ESTRATÉGIAS DE PROMOÇÃO DE SAÚDE MENTAL EM ADOLESCENTES

Camelo, L., Silva, E., Aparício, G., Camelo, P., & Bica, I. (agosto, 2023). Estratégias de promoção de saúde mental em adolescentes. In Congresso Internacional: A Criança no Mundo! Hoje e Amanhã (pp. 51-51). Viseu, Portugal: Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Saúde.

Lénia Camelo¹
Ernestina Silva²
Graça Aparício²
Paulo Camelo³
Isabel Bica⁴

¹ULSNE/CS Mirandela II

²ESSV/IPV/UICISA:E

³ULSNE/SUB Macedo de Cavaleiros

⁴ESSV/IPV/CINTESIS@RISE/UICISA: E

Introdução: As perturbações mentais na adolescência são frequentes, podem afetar gravemente o desenvolvimento e a autonomia do futuro adulto, e a maior parte tende a desenvolver uma evolução crónica, com reflexões negativas e graves a nível familiar, educativo e social (Santos, & DGS, 2018). A saúde mental dos jovens está profundamente ligada à organização familiar, mas por outro lado os jovens permanecem grande parte do seu tempo na escola. Objetivo: identificar quais são as estratégias mais eficazes de promoção da saúde mental em adolescentes.

Métodos: Foi realizada uma revisão sistemática da literatura, com base nas recomendações do PRISMA (Moher et al., 2015) e orientações do The Joanna Briggs Institute (2017). Para a identificação dos estudos recorreu-se às bases: B-on, PubMed, CINAHL. Os estudos encontrados foram analisados e avaliados criticamente por dois revisores de forma independente, respeitando os critérios de inclusão.

Resultados: Foram incluídos dois estudos na presente revisão sistemática da literatura que mostraram evidências que as principais estratégias se baseiam no ambiente escolar e seguem uma abordagem positiva da saúde mental. É de realçar, também, a importância das plataformas digitais na promoção da saúde mental junto dos adolescentes.

Conclusões: Os programas de promoção da saúde mental baseados no ambiente escolar e a aplicação de exercício e treino, evidenciam efeitos positivos na saúde mental dos adolescentes. O enfermeiro assume aqui um papel de educador no sentido de implementar estratégias que contribuam para a saúde mental do adolescente e da família, numa ótica da saúde e não apenas da doença.

Palavras Chave: Adolescentes; Saúde Mental; Promoção; Estratégias; Enfermagem

Keywords: Adolescents; Mental health; Promotion; Strategies; Nursing

Bibliografia

- Apóstolo, J. (2017). Síntese da evidência no contexto da translação da ciência. Coimbra, Portugal: Escola Superior de Enfermagem de Coimbra (ESEnfC).
- Moher, D., Shamseer, L., Clarke, M., Ghersi, D., Liberati, A., Petticrew, M., Shekelle, P., Stewart, L. A., & PRISMA-P Group (2015). Preferred reporting items for systematic review and meta-analysis protocols (PRISMA-P) 2015 statement. *Systematic Reviews*, 4(1). <https://doi.org/10.1186/2046-4053-4-1>
- Santos, M. C. (2015). Problemas de saúde mental em crianças e adolescentes: Identificar, Avaliar e intervir. Edições Sílabo.
- Portugal, Ministério da Saúde, Direção Geral da Saúde. (2018). Retrato da saúde 2018. DGS. https://www.sns.gov.pt/wp-content/uploads/2018/04/RETRATO-DA-SAUDE_2018_compressed.pdf

RECOMENDAÇÕES SOBRE ALIMENTAÇÃO VEGETARIANA EM IDADE PEDIÁTRICA

Almeida, M., Costa, L., Salvador, M., Castro, M., Peçanha, M., Condeço, L., Martins, M. P., Cordeiro, M., & Aparício, G. (agosto, 2023).

Recomendações sobre alimentação vegetariana em idade pediátrica.

In Congresso Internacional: A Criança no Mundo! Hoje e Amanhã (pp. 52-52).

Viseu, Portugal: Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Saúde.

Mara Almeida¹

Leandro Costa¹

Manuel Salvador¹

Mariana Castro¹

Mariana Peçanha¹

Luís Condeço¹

Maria Patrocínio Martins²

Manuel Cordeiro¹

Graça Aparício³

¹Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Viseu

²Centro Hospitalar Tondela Viseu, serviço de Pediatria

³Health Sciences Research Unit: Nursing (UICISA: E), Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Viseu

Introdução: Entende-se por “dieta vegetariana” um padrão alimentar que utiliza predominantemente produtos de origem vegetal, podendo ou não incluir laticínios ou ovos. Este tipo de dieta é cada vez mais uma opção das famílias, incluindo as crianças e adolescentes (Silva et al, 2015), pelo que interessa identificar possíveis riscos para o crescimento e desenvolvimento das crianças. **Objetivo:** Aprofundar conhecimentos sobre a alimentação vegetariana em idade pediátrica.

Métodos: Análise de documentos da DGS e de artigos de peritos publicados recentemente em Portugal.

Resultados: O padrão alimentar vegetariano na infância, para que seja saudável, deverá ser completo, variado e equilibrado, dado que, em quantidades adequadas, permite fornecer energia e nutrientes suficientes para um crescimento adequado e saudável (Pinho et al., 2016). Por outro lado, quando mal planeada, pode afetar o crescimento da criança, assim como contribuir para o aparecimento de situações de doença ou de comprometimento global do desenvolvimento (DGS, 2019). Para que a opção por este tipo de dieta nas crianças constitua uma opção saudável, dever-se-á ter particular atenção sobre o aporte energético e de alguns nutrientes como proteínas, ácidos gordos essenciais, cálcio, ferro, zinco, iodo, vitamina B12 e vit. D. As fontes alimentares destes nutrientes deverão ser privilegiadas, sendo que a ingestão de alimentos fortificados e/ou suplementos alimentares poderá ser necessária (APN, 2019).

Conclusões: A dieta vegetariana, quando apropriadamente planeada é saudável e nutricionalmente adequada, satisfazendo todas as necessidades nutricionais da criança/adolescente. Este planeamento deve prever o acompanhamento periódico por profissionais de saúde.

Palavras Chave: Dieta Vegetariana; Nutrição da Criança; Crescimento; Desenvolvimento Infantil

Keywords: Vegetarian Diet; Child Nutrition; Growth; Child Development

Bibliografia

- Associação Portuguesa de Nutrição (2019). Alimentação nos primeiros 1000 dias de vida: um presente para o futuro. APN. https://www.apn.org.pt/documentos/ebooks/1000_DIAS_EBOOK-2706.pdf
- Pinho, J. P., Silva, S. C. G., Borges, C., Santos, C. T., Santos, A., Guerra, A., & Graça, P. (2016). Alimentação vegetariana em idade escolar. Programa Nacional para a Promoção da Alimentação Saudável; Direção-Geral da Saúde. <https://alimentacaosaudavel.dgs.pt/activeapp2020/wp-content/uploads/2020/01/Alimenta%C3%A7%C3%A3o-Vegetariana-em-Idade-Escolar.pdf>
- Portugal, Ministério da Saúde, Direção Geral da Saúde, Programa Nacional para a Promoção da Alimentação Saudável. (2019). Alimentação saudável dos 0 aos 6 anos: Linhas de orientação para profissionais e educadores (1ª ed.). DGS. <https://alimentacaosaudavel.dgs.pt/activeapp2020/wp-content/uploads/2020/01/Alimentação-Saudável-dos-0-aos-6-anos-.pdf.pdf>
- Silva, S. C. G., Pinho, J. P., Borges, C., Santos, C. T., Santos, A., & Graça, P. (2015). Linhas de orientação para uma alimentação vegetariana saudável. Programa Nacional para a Promoção da Alimentação Saudável, DGS. <https://alimentacaosaudavel.dgs.pt/activeapp2020/wp-content/uploads/2020/01/Linhas-de-Orientação-para-uma-Alimentação-Vegetariana-Saudável.pdf>

PREVENÇÃO DE INFEÇÕES RESPIRATÓRIAS EM IDADE PEDIÁTRICA - SERÃO OS PROBIÓTICOS UMA OPÇÃO?

Rodrigues, B., Costa, M., Batista, S., Padrão, A., & Morais, A. (agosto, 2023).
Prevenção de infecções respiratórias em idade pediátrica- serão os probióticos uma opção?.
In Congresso Internacional: A Criança no Mundo! Hoje e Amanhã (pp. 53-53).
Viseu, Portugal: Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Saúde.

Beatriz Rodrigues¹
Márcia Costa²
Sónia Batista¹
Ana Padrão¹
Ana Morais¹

¹USF Salinas

²USF Senhora de Vagos

Introdução: As infecções respiratórias são frequentes na idade pediátrica, apesar do seu curso maioritariamente benigno, são motivo frequente de consulta em cuidados de saúde primários e morbidade associada. O objetivo desta revisão é determinar se a utilização de probióticos tem efeito preventivo na ocorrência de infecções respiratórias nesta idade.

Métodos: Pesquisa na base de dados PubMed de ensaios clínicos randomizados, revisões, meta-análises e normas de orientação clínica em português, inglês e espanhol, nos últimos 5 anos, na população pediátrica, com os termos MeSH “Probiotics” e “Respiratory Tract Infections”. Para atribuição de níveis de evidência e forças de recomendação foi utilizada a escala Strength of Recommendation Taxonomy (SORT) da American Academy of Family Physicians.

Resultados: A evidência encontrada é constituída por oito ensaios clínicos e uma revisão sistemática. A redução da incidência de infecções respiratórias nos grupos submetidos a probióticos não foi consistente entre os estudos. Em apenas 4 dos 9 artigos selecionados foi demonstrada uma tendência para a redução da incidência destas infecções. Adicionalmente, a maioria dos estudos mostrou uma redução da severidade e/ou da duração dos sintomas nos grupos submetidos a probióticos.

Conclusões: A maioria dos artigos selecionados são ensaios clínicos randomizados que analisam os efeitos de diferentes estirpes de probióticos ao longo de intervalos de tempo variáveis, introduzindo assim algumas limitações à interpretação dos dados obtidos. Assim a evidência atual para a utilização de probióticos na prevenção das infecções respiratórias em idade pediátrica é inconsistente (SORT B).

Palavras Chave: Infecções respiratórias; Probióticos; Crianças

Keywords: Respiratory tract infections; Probiotics; Children

Bibliografia

- Damholt, A., Keller, M. K., Baranowski, K., Brown, B., Wichmann, A., Melsaether, C., Eskesen, D., Westphal, V., Arltoft, D., Habicht, A., Gao, Q., & Crawford, G. (2022). Lacticaseibacillus rhamnosus GG DSM 33156 effects on pathogen defence in the upper respiratory tract: A randomised, double-blind, placebo-controlled paediatric trial. *Beneficial Microbes*, 13(1), 13-23. <https://doi.org/10.3920/BM2021.0065>
- Mai, T. T., Thu, P. T., Hang, H. T., Trang, T. T. T., Yui, S., Shigehsia, A., Tien, V. T., Dung, T. V., Nga, P. B., Hung, N. T., & Tuyen, Le D. (2021). Efficacy of probiotics on digestive disorders and acute respiratory infections: A controlled clinical trial in young Vietnamese children. *European Journal of Clinical Nutrition*, 75, 513-520. <https://doi.org/10.1038/s41430-020-00754-9>
- Hishiki, H., Kawashima, T., Tsuji, N. M., Ikari, N., Takemura, R., Kido, H., & Shimojo, N. (2020). A double-blind, randomized, placebo-controlled trial of heat-killed pediococcus acidilactici K15 for prevention of respiratory tract infections among preschool children. *Nutrients*, 12(7), 1989. <https://doi.org/10.3390/nu12071989>
- Lazou-Ahrén, I., Berggren, A., Teixeira, C., Martinsson Niskanen, T., & Larsson, N. (2020). Evaluation of the efficacy of lactobacillus plantarum HEAL9 and lactobacillus paracasei 8700: 2 on aspects of common cold infections in children attending day care: A randomised, double-blind, placebo-controlled clinical study. *European Journal of Nutrition*, 59(1), 409-417. <https://doi.org/10.1007/s00394-019-02137-8>
- Anaya-Loyola, M. A., Enciso-Moreno, J. A., López-Ramos, J. E., García-Marín, G., Orozco Álvarez, M. Y., Vega-García, A. M., Mosqueda, J., García-Gutiérrez, D. G., Keller, D., & Pérez-Ramírez, I. F. (2019). Bacillus coagulans GBI-30, 6068 decreases upper respiratory and gastrointestinal tract symptoms in healthy mexican scholar-aged children by modulating immune-related proteins. *Food Research International*, 125, 108567. <https://doi.org/10.1016/j.foodres.2019.108567>
- Li, K. L., Wang, B. Z., Li, Z. P., Li, Y. L., & Liang, J. J. (2019). Alterations of intestinal flora and the effects of probiotics in children with recurrent respiratory tract infection. *World Journal of Pediatrics*, 15(3), 255-261. <https://doi.org/10.1007/s12519-019-00248-0>
- Campanella, V., Syed, J., Santacroce, L., Saini, R., Ballini, A., & Inchingolo, F. (2018). Oral probiotics influence oral and respiratory tract infections in pediatric population: A randomized double-blinded placebo-controlled pilot study. *European Review for Medical and Pharmacological Sciences*, 22(22), 8034–8041. https://doi.org/10.26355/eurrev_201811_16433
- Laursen, R. P., & Hojsak, I. (2018). Probiotics for respiratory tract infections in children attending day care centers-a systematic review. *European Journal of Pediatrics*, 177(7), 979-994. <https://doi.org/10.1007/s00431-018-3167-1>
- Doyle, H., Pierse, N., Tiatia, R., Williamson, D., Baker, M., & Crane, J. (2018). Effect of oral probiotic streptococcus salivarius K12 on group A streptococcus pharyngitis: A pragmatic trial in schools. *The Pediatric Infectious Disease Journal*, 37(7), 619-623. <https://doi.org/10.1097/INF.0000000000001847>

CENTRO DE SAÚDE DOS VIRIATINHOS: É A BRINCAR QUE SE PERDE OS MEDOS!

Pipa, T., Fernandes, F., Varela, A. C., Correia, D. N., Azevedo, M., & Cunha, D. (agosto, 2023).
Centro de saúde dos Viriatinhos: é a brincar que se perde os medos!.
In Congresso Internacional: A Criança no Mundo! Hoje e Amanhã (pp. 54-54).
Viseu, Portugal: Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Saúde.

Teresa Pipa¹
Filipe Fernandes¹
Carolina Rodrigues¹
Diana Neves Correia²
Márcia Azevedo³
Deolinda Cunha⁴

¹USF Lusitana

²USF Infante D. Henrique

³USF Cândido Figueiredo

⁴UCSP Sítão

Introdução: Diversos estudos com crianças mostram que fornecer informações positivas sobre os seus medos diminui os níveis dos mesmos. O objetivo desta atividade foi diminuir o medo e a ansiedade das crianças causada pelo contacto com os serviços de saúde.

Métodos: Um grupo de médicos internos de medicina geral e familiar e saúde pública deslocou-se a dois jardins-de-infância e simulou um centro de saúde. Esta atividade envolveu crianças em idade pré-escolar (4 e 5 anos), perfazendo um total de 81. A sala estava dividida em 6 estações: na estação de consulta médica, o motivo da consulta foi abordado, realizado o exame objetivo e elaborado o plano terapêutico em conjunto com a criança; na enfermagem, foi “recolhido sangue”, administraram-se medicamentos e vacinas; na nutrição realizou-se um jogo sobre alimentação saudável; na medicina dentária aprendeu-se acerca da lavagem correta dos dentes; no Raio-X simulou-se a realização do mesmo e de “gessos” aos seus bonecos; na Saúde Pública abordou-se a desinfeção, lavagem das mãos e uso de máscara.

Resultados: O medo do centro de saúde e da “bata branca” foi desmistificado e foram promovidos estilos de vida saudáveis. Ao longo da intervenção observou-se um progressivo envolvimento das crianças nas diversas atividades e uma maior interação com os profissionais.

Conclusões: As crianças tendem a transpor os seus problemas nos seus bonecos, abrindo portas para abordar questões importantes de saúde infantil, como escolhas alimentares saudáveis e segurança. Para além da transmissão de conhecimentos e competências, foi possível estreitar relações com esta comunidade, possibilitando futuras intervenções.

Palavras Chave: Bata branca; Medos; Crianças; Profissionais de saúde

Keywords: White coat; Fears; Children; Health professionals

